

FACULDADE VALE DO CRICARÉ
MESTRADO PROFISSIONAL EM GESTÃO SOCIAL,
EDUCAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL

LAIZE ALVES RODRIGUES

**A RELAÇÃO ENSINO APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA NA ESCOLA
ESTADUAL DE ENSINO MÉDIO DOM JOSÉ DALVIT NO MUNICÍPIO DE MONTANHA-
ES**

Pesquisa financiada pela FAPES.

SÃO MATEUS

2015

LAIZE ALVES RODRIGUES

**A Relação Ensino Aprendizagem de Língua Inglesa na Escola Estadual de Ensino
Médio Dom José Dalvit no Município de Montanha – ES**

Dissertação apresentada à Faculdade Vale do Cricaré
para obtenção do título de Mestre profissional em
Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional.
Área de concentração: Educação
Orientadora: Dra. Sonia Maria da Costa Barreto

SÃO MATEUS - ES
2015

R696r

RODRIGUES, Laize Alves.

A Relação Ensino Aprendizagem de Língua Inglesa na Escola Estadual de Ensino Médio Dom José Dalvit no Município de Montanha – ES. /, Laize Alves Rodrigues. São Mateus, ES, 2015.

86f.: il.

Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional) – Faculdade Vale do Cricaré, São Mateus, ES, 2015.

Orientação: Prof^ª. **Dr^ª. Sonia Maria da Costa Barreto.**

1. Escola Pública. 2. Ensino-aprendizagem. 3. Língua Inglesa. 4. Métodos de Ensino.. I. Título.

CDD: 371.422

LAIZE ALVES RODRIGUES

**A RELAÇÃO ENSINO APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA NA ESCOLA
ESTADUAL DE ENSINO MÉDIO DOM JOSÉ DALVIT NO MUNICÍPIO DE
MONTANHA-ES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional da Faculdade Vale do Cricaré (FVC), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional, na área de concentração Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional.

Aprovada em 24 de Abril de 2015.

COMISSÃO EXAMINADORA



Prof.^a Dr.^a SÔNIA MARIA DA COSTA BARRETO
Faculdade Vale do Cricaré (FVC)
Orientadora



Prof. Dr. MARCUS ANTONIUS DA COSTA NUNES
Faculdade Vale do Cricaré (FVC)



Prof.^a Msc. LUANA FRIGULHA GUISSO
Faculdade Vale do Cricaré (FVC)



Prof. Dr. SEBASTIÃO PIMENTEL FRANCO
Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

RESUMO

O presente trabalho objetivou investigar como se desenvolve o processo ensino-aprendizagem de Língua Inglesa na Escola de Ensino Médio Dom José Dalvit no município de Montanha - ES, e conhecer quais as expectativas dos alunos quanto ao uso do conhecimento adquirido no que se refere à sua aplicabilidade no cotidiano. É uma pesquisa bibliográfica e estudo de caso, pois busca nos sentidos e significados dos participantes os seus contextos sociais. A fundamentação teórica para compreensão e interpretação do problema investigado encontra-se baseada nos estudos sóciohistórico de: Leffa (1988, 1999, 2006, 2009, 2012,); Celani (2001, 2006,); Almeida Filho (2005). A análise dos dados é organizada a partir dos conteúdos temáticos que emergiram de um questionário aplicado a quarenta e um alunos do ensino médio. A partir das categorias de análise citadas anteriormente, a interpretação dos dados aponta para o importante papel da Língua Inglesa para a vida prática dos alunos, apesar das dificuldades encontradas pelo professor em ministrar as aulas. Esta pesquisa ainda apresenta um projeto proposta de intervenção para melhoria do ensino da Língua Inglesa na referida escola.

PALAVRAS-CHAVE: Escola Pública. Ensino-aprendizagem. Língua Inglesa. Métodos de Ensino.

ABSTRACT

This study aimed to investigate how to develop the English language teaching-learning process in high school School Don José Dalvit in Mountain town - ES, and get to know the students expectations regarding the use of the knowledge acquired with regard to its applicability in daily life. It is a literature review and case study, for search on the senses and meanings of the participants their social contexts. The theoretical basis for understanding and interpretation of the problem investigated is based on social historical studies of: Leffa (1988,1999, 2006, 2009, 2012); Celani (2001, 2006); Almeida Filho (2005). Data analysis is organized from the thematic contents that emerged from a questionnaire administered to forty-one high school students. From the analysis categories mentioned above, the interpretation of the data points to the important role of English for practical life of students, despite the difficulties encountered by teachers in teach the classes. This research also presents a project proposal for intervention to improve the teaching of English at the school.

KEYWORDS: Public School. Teaching and learning. English Language. Teaching methods.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Participantes da pesquisa.....	55
Gráfico 2 – Alunos participantes da pesquisa.....	56
Gráfico 3 – Habilidades mais importantes na visão dos alunos.....	57
Gráfico 4 – Nível de conhecimento segundo os alunos.....	58
Gráfico 5 – Sugestões dos alunos com referência às aulas.....	59

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO.....	10
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	13
3. FUNDAMENTAÇÃO HISTÓRICA.....	18
3.1. Contexto histórico da Língua Inglesa	18
3.2. A legislação e outras reformas.....	22
3.3. Ensino da Língua Inglesa: métodos.....	25
3.4. Parâmetros Curriculares Nacionais.....	30
3.5. O Currículo Básico Escola Estadual.....	32
3.6. A importância da Língua Inglesa para os alunos	35
3.7. O papel do professor.....	38
3.8. A importância da Língua Inglesa o mercado de trabalho.....	42
4. A ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO MÉDIO DOM JOSÉ DALVIT.....	46
4.1. O município de Montanha -ES.....	46
4.2. Escola Dom José Dalvit.....	49
4.3. A presença de Língua Inglesa na Escola Dom José Dalvit.....	52
4.4. Perfil dos alunos.....	56
4.5. Perspectivas dos alunos face o ensino do inglês.....	59
4.6. Perfil do professor.....	61
5. PERCURSO METODOLÓGICO.....	63
5.1. Natureza da pesquisa.....	63
5.2. Contextualização da escola pesquisada.....	65
5.3. Os participantes.....	66
6.CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	68
7.REFERÊNCIAS.....	72
8.APÊNDICE A - Autorização para pesquisa na escola.....	75
9.APÊNDICE B - Questionários alunos.....	76
10.APÊNDICE C - Questionário professor.....	79
11.APÊNDICE D - Projeto.....	82

LISTA DE SIGLAS

AAL	Abordagem Áudio Lingual
AC	Abordagem Comunicativa
AD	Abordagem Direta
AGT	Abordagem Gramática Tradução
CBEE	Currículo Básico Escola Estadual
EEEM	Escola de Ensino Médio
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
LI	Língua Inglesa
PCNs	Parâmetros Curriculares Nacionais
Pro-EMI	Programa Ensino Médio Inovador

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho se propôs a pesquisar como se desenvolve o processo ensino-aprendizagem de Língua Inglesa- LI na Escola de Ensino Médio Dom José Dalvit no município de Montanha - ES, e conhecer quais as expectativas dos alunos quanto ao uso do conhecimento adquirido no que se refere à sua aplicabilidade no cotidiano. Para tal, se insere na linha de pesquisa de Linguagem e Educação porque busca compreender questões da/na sala de aula, especificamente, nas aulas da LI, buscando investigar num determinado contexto a visão daqueles envolvidos nesse processo.

Este estudo não tem a intenção de fazer críticas à escola pública, mas, em despertar para o aprendizado de LI no âmbito escolar por acreditar que a importância desse aprendizado é de grande valia para o educando, além de conscientizar discentes e docentes a lutar para vencer os obstáculos que impedem o seu êxito na prática.

Para tal, a referida investigação foi desenvolvida nas turmas do 3º ano do ensino médio regular sendo uma no período vespertino e duas no noturno, um total de 41 alunos. As mesmas foram selecionadas por serem turmas que já passaram por todas as etapas do ensino fundamental e estão em fase de conclusão do ensino médio. Nesse contexto, busca-se identificar quais as expectativas dos alunos quanto ao uso deste conhecimento na sua futura carreira profissional, bem como verificar o nível de satisfação do professor quanto ao trabalho desenvolvido. Assim, essa pesquisa busca ao que causa insuficiência no ensino-aprendizagem de LI no EEEM Dom José Dalvit?

Evidencia-se a necessidade de se fazer uma retomada histórica sobre o ensino da LI no Brasil e os recursos utilizados para auxiliar esse processo. Essa pesquisa tem como objetivo principal pesquisar o processo ensino-aprendizagem da disciplina Língua Inglesa na Escola de Ensino Médio Dom José Dalvit, nas turmas do 3º ano do ensino médio. Além disso, pretende-se ainda descrever o histórico da implantação da LI no Brasil, a legislação pertinente, as expectativas dos alunos e a forma como a mesma é trabalhada pelos professores da referida escola. O

município de Montanha – ES será contextualizado, bem como as possibilidades de empregabilidade face a importância da LI para o atual mercado de trabalho.

O tema ora focado é importante à medida que se propôs refletir sobre o ensino de inglês na escola e entender como este processo vem sendo desenvolvido. Verifica-se também que não se encontra nenhuma outra pesquisa relacionada no contexto do município de Montanha. Sabe-se que todo conhecimento não está pronto e acabado e repensar a forma como conduzir um conhecimento é tarefa de toda a comunidade escolar. Observar, investigar e levantar dificuldades escolares é necessário, para que se estabeleçam novas perspectivas na construção de possíveis soluções.

O trabalho está dividido em cinco partes: a primeira parte consta a introdução ao primeiro capítulo que aborda as correntes teóricas que nortearam e respaldaram as análises feitas ao longo desta pesquisa.

O segundo capítulo apresenta dados do levantamento histórico do ensino da LI no Brasil, legislação, reformas e métodos de ensino utilizados ao longo da história da escola pública brasileira, um breve levantamento sobre o que dizem os Parâmetros curriculares Nacionais e Currículo Básico Escola Estadual em relação ao ensino-aprendizagem da LI, e ainda aponta a importância desta para o mercado de trabalho.

O terceiro capítulo apresenta a Escola Dom José Dalvit, sua proposta de trabalho, corpo docente, discente e técnico-administrativo e o município onde ela se situa. E por último a presença da LI na escola apresentando a análise e interpretação dos dados coletados durante todo processo da pesquisa e os resultados obtidos.

O quarto capítulo discorre sobre a metodologia aplicada a esta pesquisa, justificando a escolha, descrevendo o contexto, atores e instrumentos de coleta de dados. A metodologia utilizada nesse capítulo é a de pesquisa bibliográfica e de estudo de caso.

Por fim, faz-se as considerações finais onde se buscou, baseado nos resultados dos instrumentos de pesquisa, responder as perguntas de pesquisa apresentando reflexões e um projeto proposta para melhoria do ensino de LI desta escola.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A Língua Inglesa – LI originou-se da junção dos últimos descendentes Célticos Bretões refugiados junto às tribos: Judes, Angles, Saxons e Frisians. Nessa mistura, os dialetos anglos e saxões prevaleceram e deram origem a LI, restando poucas características do dialeto céltico. Dessa forma, de acordo com Schütz (2008), a história da LI é dividida em três períodos: o Old English, o Middle English e o Modern English.

Old English (500-1100 A.D.) – caracterizado por não ser ainda exatamente uma língua, mas sim, vários dialetos falados pelos reinos anglo-saxões que habitavam a atual Inglaterra e pela influência deixada pelo latim, devido às missões do cristianismo levadas pela igreja Católica.

O Middle English (1100-1500) – após conquista dos Normanos sobre terras da Inglaterra, registram-se alterações no rumo das línguas. Nesse contexto, um dialeto – francês, que durante 300 anos tornou-se condição para os anglo-saxões conseguirem ascensão social às classes dominantes. Dessa forma, a mistura com a língua francesa deu origem ao Middle English. O mesmo também é caracterizado pela gradual perda de declinações, pela neutralização e síncope de vogais atônicas em final de palavras e ainda por uma grande variedade de dialetos.

O Modern English após 1500 representou um período de padronização da língua, momento da propagação do ensino ao alcance da classe média. A figura de William Shakespeare¹ (1556-1616) contribuiu para revolução da linguagem literária, modificação estrutural e inserção de vocábulos novos na língua. Nesse período também foi criado o império colonial da Grã-Bretanha que se expandiu até o século XIX, levando a LI para todas as colônias inglesas.

Durante os séculos XVI, XVII e XVIII o império inglês ocupou espaço na: Índia, Austrália, África e América do Norte, desse modo, e a LI se propagou como língua nativa nessas novas colônias.

¹William Shakespeare (1564-1616) foi poeta e autor teatral inglês; Considerado um dos melhores dramaturgos da literatura universal. Além de dramaturgo, foi ator de teatro e suas primeiras obras – dois poemas eróticos segundo a moda da época, "Venus and Adonis" (1593) e "Lucrece" (1594), e seus sonetos – lhe valeram a reputação de brilhante poeta renascentista. Sua fama atual se baseia nas 38 peças teatrais das que se tem notícia de sua participação, por tê-las escrito ou colaborado em sua redação.

Nos Estados Unidos, os primeiros colonizados chegaram por volta de 1620, e a LI sofre mais uma vez influências de outros idiomas e dialetos e esta mistura deu ao inglês americano uma forma de pronúncia diferenciada em relação ao inglês britânico, mas quanto à escrita pouco foi alterado.

Ao longo do tempo a força política-militar dos Estados Unidos, principalmente após a Segunda Grande Guerra Mundial (1939-1945) elevou o prestígio da LI pelo mundo, ocupando o lugar de língua oficial da comunicação mundial. Hoje a LI é a principal língua na comunicação internacional e se faz presente no Reino Unido, Estados Unidos, Canadá, Austrália, entre outros. Há também os países em que a LI funciona como língua oficial, mas não nativa: Fiji, Gâmbia, Gana, Libéria, Maurício, Nigéria, entre outros. Além disso, é a instituída como segunda língua de vários países, tais como: Camarões, Filipinas, Singapura, África do Sul, Tanzânia, Tonga etc.

Leffa (1999) faz um resumo sócio histórico e político do ensino da LI em escolas públicas no Brasil, retomando o império, a república e as leis que regiam o ensino ao longo desses períodos, cargas horárias das línguas estrangeiras e os métodos de ensino aplicados.

Ao falar sobre os métodos de ensino, o autor descreve o professor do passado, como um mero operador de fórmula infalível. O papel do professor se encontrava no centro da não aprendizagem e encontrar uma forma perfeita para o ensino da LI foi muitas vezes condenado pelas brechas deixadas pela não eficácia dos métodos. Assim, a culpa era a este concedida por julgamentos de má atuação do educador.

Leffa (2012) faz um comparativo do passado, presente e futuro do professor. Transitando de uma época onde este era um detector do saber, que se o aluno não aprendesse a falha caberia apenas ao professor. No presente o professor é visto como um intermediário entre o conhecimento e o aluno e cabe a ele definir os métodos os quais servirão para o processo de ensino dos seus alunos. Por fim, ele futuriza supondo que no decorrer desse processo a tendência é que o professor se torne invisível, sendo apenas uma ponte que ligue o aluno ao conhecimento,

propondo que aluno caminhe sozinho. Neste aspecto, Leffa (1999) apresenta uma preocupação, pois defende que o professor é insubstituível.

Em outra pesquisa, Leffa (2006) fala da formação de professores no país, ressalta os problemas encontrados e pontua que para tal aspecto é necessário uma formação tanto de conhecimento específico da LI quanto o conhecimento didático a ser aplicado em sala de aula. Em outras palavras, o professor deve dominar a língua que ensina e saber passar esse conhecimento para os seus alunos. Para o autor, os problemas encontrados na educação pública são apenas reflexos do mau desempenho prestado pela política educacional, por faltar normas que reajustem tanto a formação quanto o suporte aos professores no ato da prática do ensino, como afirma abaixo:

A sala de aula não é uma redoma de vidro, isolada do mundo, e o que acontece dentro da sala de aula está condicionado pelo que acontece lá fora. Os fatores que determinam o perfil do profissional de línguas dependem de ações, menos ou mais explícitas, conduzidas fora do ambiente estritamente acadêmico e que afetam o trabalho do professor. Entre as mais explícitas temos as leis e diretrizes governamentais, o trabalho das associações de professores, os projetos das secretarias de educação dos estados, os convênios entre diferentes instituições, etc. Entre as menos explícitas temos aquelas que resultam das relações de poder que permeiam os diferentes setores da sociedade, hoje globalizada (LEFFA, 2006, p. 334).

Para o autor, não depende apenas do resultado do trabalho do professor, mas de uma série de medidas que deem a ele suporte para um bom resultado em seu trabalho.

Celani (2006) além de fazer uma perspectiva histórica do LI, ressalta que o professor está em constante aprendizado e que deve ser um diferencial. Suas atitudes não podem ser comparadas às de um robô treinado para tal função; ao professor cabe uma postura autêntica.

E ainda, o professor deve buscar desenvolver habilidades ao longo de sua carreira que deem suporte ao trabalho em sala de aula. E afirma que, ao assumir o papel de educador, o professor assume uma responsabilidade com seu aluno e por mais que encontre um sistema suscetível à falha, este precisa buscar meios para superar os desafios. Nesse ponto, Celani (2006) tem razão, pois ao aceitar tal função, o

educador tem um papel a cumprir com a função que a ele foi legado. Por mais que haja uma omissão quanto a funções de terceiros, há a necessidade de reflexão sobre a prática.

Celani (2006, p. 35) ressalta que “[...] só por meio da prática reflexiva o professor poderá alcançar o domínio da complexidade e da imprevisibilidade, que é o que encontrará no mundo, na escola, na sala de aula”. A autora sugere que este ato de reflexão deva ser para o professor um ato de cidadania.

Outro ponto defendido por Celani (2009) sobre o professor é a importância da formação continuada para o bom desempenho do docente e ainda ressalta a importância para o aluno de conhecer outra língua, visto que enriquece o seu aprendizado.

Quando se refere à formação continuada, são enfatizados os seguintes aspectos do profissional: a formação, a profissão, a avaliação e as competências que cabem ao profissional. O educador que está sempre em busca de uma formação contínua, bem como a evolução de suas competências tende a ampliar o seu campo de trabalho. Segundo o estudioso Philippe Perrenoud (2000), a formação profissional contínua se organiza em determinadas áreas prioritárias. Dentre elas estão as competências básicas que cabem ao educador. Refere - se como áreas de competências, devido cada uma delas abordar várias competências.

Quanto à aprendizagem, Almeida Filho (2005) ressalta a complexidade e a importância dos cenários para o aprendizado do idioma, levam-se em conta todos os fatores que influenciam o meio, como planejamentos, números de aulas semanais, afetividade, recursos utilizados em sala, método usado pelo professor e o modo de conceber o aprender de cada aluno. O autor ainda faz referências ao que se é ensinado em sala de aula a realidade prática da língua e ressalta que é preciso repensar tais problemáticas e que haja um comprometimento com o uso oral da língua.

É nesse contexto do ensino público brasileiro, do papel do professor de Língua Estrangeira, da importância da LI para o futuro dos alunos e de sua

representatividade no mundo de hoje. Mediante tais situações que se encontra o ensino da LI, que essa pesquisa se desenvolve. As situações mencionadas apontam para a necessidade de se saber outro idioma. O caminho pode ser árduo, mas, se torna valoroso ao alcançá-lo.

3 FUNDAMENTAÇÃO HISTÓRICA

3.1 Contexto histórico da Língua Inglesa

Para compreensão do ensino da Língua Inglesa (LI) hoje no Brasil e no cotidiano da escola pesquisada, fez-se necessário uma breve contextualização histórica, iniciando pelos primeiros relatos do ensino no país.

Tendo em vista o bloqueio continental, a coroa portuguesa chegou ao Brasil no início de março de 1808, e transformou a colônia em reino. Uma das medidas tomadas pela coroa foi a abertura dos portos ao comércio estrangeiro e o LI passa a ter uma expressiva finalidade nessa prática. Dessa forma cresce a aproximação comercial entre Portugal e Inglaterra.

O Brasil precisava de falantes de outros idiomas para ajudar nas negociações comerciais com os países da Europa e em 1809, Dom João VI decretou a obrigatoriedade do ensino de LI, e o primeiro professor de Inglês no Brasil de que se tem notícia foi o padre irlandês Jean Joyce, nomeado em 9 de setembro de 1809.

Segundo Oliveira (1999), o ensino da referida língua buscava complementar os estudos primários, focados em estudo da gramática. Mas a educação naquela época não contava com nenhuma organização formal para o ensino e carecia de estrutura, uma vez que as decisões não eram pautadas nas reais necessidades do país.

Apesar das precárias condições em que o ensino vivia no ano de 1809, foi criada a primeira cartilha para ensinar inglês e francês no Brasil com o objetivo de melhorar a educação pública. Após a independência do Brasil em 1822, registra-se em 1837 o ensino da LI quando o regime interino comandado por Bernardo Pereira de Vasconcelos fundou o tradicional Colégio Dom Pedro II, no Rio de Janeiro. Por lá passaram ilustres e renomados professores e importantes alunos. Assim, tornaram-

² O Bloqueio Continental foi uma imposição de Napoleão, através do Decreto de Berlim de 22 de novembro de 1806, barrando o acesso aos portos dos países então submetidos ao domínio do I Império Francês (1804-1814) a navios do Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda. A desobediência de Portugal a este bloqueio levou às invasões francesas de 1807-08, 1809 e 1810. - See more at: <http://5dias.net/2012/01/11/bloqueio-continental/#sthash.xrksLJWv.dpuf>

se obrigatórias 76 horas/aula destinadas ao ensino de línguas estrangeiras. Pela primeira vez os idiomas: inglês, francês e alemão ganharam as mesmas importâncias que os clássicos: grego e latim.

Oficialmente o ensino do inglês teve um caráter obrigatório no colégio Pedro II, embora o ensino ainda não contava com professores habilitados, visto que na época era dada ênfase as línguas mortas. Usavam-se os mesmos métodos utilizados para ensinar latim e grego baseados em tradução de textos e gramática da língua, ou seja, a Abordagem da Gramática e da Tradução (AGT).

Esse método de tradução pela gramática ainda é benéfico na tradução de textos literários, visto que nas universidades as pessoas que os escrevem são especialistas em literatura específica de sua área de estudo científica, e não no estudo da Língua e de seus aspectos linguísticos (PAIVA,1996).

A aprendizagem da Língua Estrangeira era vista como uma atividade intelectual em que o aprendiz deveria memorizar as regras e os exemplos, com o propósito de dominar a morfologia e a sintaxe. Dessa forma, o dicionário e o livro de gramática eram instrumentos úteis de trabalho. Continham explicações abstratas das regras gramaticais, listas de vocabulário e sentenças para a tradução. A expressão oral não era o objetivo das aulas, os alunos liam em voz alta as frases traduzidas por eles e essas frases eram construídas para ilustrar o conteúdo gramatical. Portanto, pode-se inferir que não se estabelecia a comunicação.

O sistema de avaliação nessa abordagem compreende testes que exigem conhecimento de regras gramaticais, textos para traduzir, leitura e compreensão de textos, redações, ditados e listas de vocabulário. O critério de correção não fica explicitado para o aluno, sendo considerado, portanto, subjetivo.

Quanto ao ensino do LI, era reconhecida sua importância, mas, segundo Leffa (1999) no período do império as horas destinadas ao ensino das línguas (inglês, alemão e francês) caíram de 50 h(1855) para 36 h (1881).

Com o fim da escravidão em 1888 e a implantação de estruturas socioeconômicas que superaram o antigo sistema mercantil-escravista decisões tomadas pela coroa e pressões internacionais, a monarquia foi perdendo o poder. Essa situação favoreceu o declínio da monarquia que não mais atendia as necessidades do novo sistema nacional. Essas questões levaram a substituição do império pela Proclamação da República em 1889.

Ainda de acordo com Leffa (1999), no início da Primeira República (1889) aconteceu a formação dos grandes centros com a instalação de indústrias. Por volta de 1880, já existia a presença de várias fábricas no Brasil, mas sem uma estrutura realmente significativa. Contudo, por volta das décadas de 1910 e 1920, as atividades industriais já eram bastante expressivas no Rio de Janeiro e em São Paulo. Por meio da intensa exportação de café e importação de outros produtos necessários ao mercado interno brasileiro, várias estruturas de maquinário fabril também aportavam em terras brasileiras, já que muitos produtores de café também passaram a investir nas fábricas. Dessa forma faziam-se necessárias mudanças no ensino público, face o processo de aceleração da economia e ênfase ao ensino de línguas estrangeiras no país. A carga horária destinada a esse ensino das línguas estrangeiras foi de 72 h em 1892 para 29 h semanais em 1925. É importante ressaltar que dessas 29 h, não continha mais no currículo o ensino do grego; o latim ainda predominava com 10 h, o francês com 9 h e a caráter de escolha o ensino da língua inglesa ou o alemão sendo esta com carga horária de 8 h e também como facultativa 2 h para o ensino do italiano.

Durante a república, embora partindo de um ímpeto inicial bastante expressivo, principalmente com a reforma de Fernando Lobo em 1892, nota-se uma redução ainda mais acelerada na carga horária semanal dedicada ao ensino das línguas. Assim para 76 horas semanais/anuais em 1892, chega-se em 1925, a 29 horas, o que é menos da metade (LEFFA,1999; p.7).

Mesmo com tamanha redução de carga horária de LI as reformas: Rivadávia Corrêa de 1911 e Maximiliano, de 1915 almejavam os seguintes resultados:

Ao estudo das línguas vivas será dada feição prática [...]. No fim do curso, os alunos deverão estar habilitados a falar e escrever duas línguas estrangeiras e familiarizados com a evolução literária delas [...]. (CHAGAS, 1957, p.86).

Em 1931, já com a implantação dos cursos de formação de professores nas universidades brasileiras, as línguas modernas ganham certo privilégio, mas o latim ainda continha a maior carga horária. O ensino caminhava buscando novos rumos, o Ministério da Educação estabelece que o ensino desenvolvesse o método direto, também chamado de método natural, já utilizado desde 1901 na Europa que prioriza o uso da palavra escrita, enquanto que as habilidades de audição e de fala são praticamente ignoradas.

Segundo Chaves (2006), o método direto consistia em usar a língua alvo desde o princípio do aprendizado, priorizando situações reais dos significados expostos por meio de mímicas e gravuras deixando a parte o foco na tradução e leitura, como era no ensino das línguas mortas.

De acordo com Leffa, (1999) foi a primeira vez que o país recebeu instruções claras no ensino do idioma quanto a metodologia, contratação de mão de obra especializada e material didático.

Entretanto, apesar do avanço com a implantação do método direto, também houve críticas quanto à realidade do ensino nas escolas, como relatou Chaves, (2006), nas escolas continuava uma versão simplificada do método de leitura usada nos Estados Unidos, que se constituía em abandonar as práticas gramaticais e proporcionar leitura dentro e fora das salas de aula, além de resolução de questionários. Também era aplicada a prática de memorização de palavras fora das lições formais, a fim de desenvolver no aluno conhecimento do idioma. Essa forma de ensino ia de encontro ao Método Direto, dessa forma não era possível alcançar a fluência na fala.

No período da reforma Capanema – era Vargas, a LI teve o seu auge no Brasil: seu ensino abrangia desde o ginásio ao ensino superior e era cobrada a leitura de clássicos da literatura estrangeira na língua referida.

De acordo com Leffa, (1999, p.9):

Como a reforma de 1931, a reforma Capanema, com as instruções que asseguram (Portaria Ministerial 114, de 29 de janeiro de 1943), preocupou-

se muito com a questão metodológica. Recomendava-se o uso do método direto, com ênfase em 'um ensino pronunciadamente prático', embora deixando claro que o ensino de línguas deve ser orientado não só para objetivos instrumentais (compreender, falar, ler e escrever), mas também para objetivos educativos ('contribuir para a formação da mentalidade, desenvolvendo hábitos de observação e reflexão') e culturais ('conhecimento da civilização estrangeira' e 'capacidade de compreender tradições e ideais de outros povos, inculcando [no aluno] noções da própria unidade do espírito humano').

Conforme Chaves, (2006) após a Segunda Guerra Mundial os Estados Unidos com intenção de estreitar os laços com o Brasil e América Latina, forneceu uma cooperação enviando para o Brasil, profissionais de áreas diversas como: médicos, artistas, jornalistas, militares, cientistas, professores, entre outros, que aqui vieram com o objetivo de ajudar na criação de projetos em diversas áreas de ensino. Pela primeira vez a cultura americana sobrepõe o espaço antes preenchido pela França. No Brasil o ensino da LI teve recuos e avanços amparados pela legislação conforme detalhado no decorrer do trabalho.

3.2 A legislação e outras reformas

Considerando o que foi dito sobre as décadas de 1930, 1940 e 1950 como décadas de grande avanço para a educação e principalmente para o ensino da LI no Brasil, em seguida é importante complementar o histórico descrevendo as três versões da Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDB e algumas reformas em função de organizar a estrutura da educação brasileira direcionando a formação escolar e acadêmica.

A LDB indica as concepções, valores, objetivos, para a educação nacional. Percebe-se que a função da escola como formadora do cidadão, na perspectiva do papel da educação brasileira para o mundo do trabalho. Ela é formada por um conjunto de referências voltadas para o direcionamento a ser traçado pela escola, dá sustentação legal além de ser decisiva para as políticas educacionais.

Na década de 1960, Paiva (2003) afirma que cresceu a importância da LI, mas ao mesmo tempo a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) – Lei nº 4.024, de 20 de dezembro

de 1961, retira a obrigação do ensino de língua inglesa e permite aos estados a possibilidade de incluí-la nas séries finais do ensino fundamental.

A Lei Nº. 4.024 - LDB de 1961 foi promulgada durante um período em que a sociedade percebia que saber o inglês era essencial. Isso pode ser alegado pelo fato de o Brasil estar sobre forte pressão e dependência econômica e cultural dos Estados Unidos devido aos resquícios da Segunda Guerra Mundial. Até então, o francês tinha prioridade no Brasil, porém, o inglês foi inserindo-se lentamente, e finalmente predominou no currículo do ensino fundamental.

No entanto, conforme exposto por Veroneze & Carvalho (2008) foi determinado pela Lei Nº. 4.024 – LDB/1961 que o ensino de línguas estrangeiras não era mais obrigatório em nenhuma série do sistema escolar brasileiro. No início da década de 1960, foram criados os Conselhos Estaduais; com isso, os Estados ficaram encarregados de decidir e possibilitar a inserção das línguas estrangeiras nos currículos das últimas quatro séries do ensino fundamental, que compreendia oito.

A década de 1960, por Almeida Filho (2003) é descrita por um período de contradição, pois ao mesmo tempo em que é afirmada a importância do ensino das línguas pela LDB é desvalorizada retirando-a do currículo obrigatório. Nesse período ve-se então a propagação dos cursinhos livres de inglês no setor privado de ensino.

A reforma Capanema de 1971 retira a obrigatoriedade do ensino LI e deixa ao estado a opção de incluí-la no currículo. Graças a tal prerrogativa, o idioma estrangeiro ganhou preferência e assim foi difundido por diversas empresas particulares que viram a questão comercial do ensino como meio lucrativo. Mas, se há uma expressiva quantidade de cursos privados que investem massivamente nestas formações o ensino público apresenta falhas na transmissão deste saber.

De acordo com Leffa (1999) a diminuição de horas de ensino de língua estrangeira teve seu declínio a partir do momento histórico do Império no Brasil e assim prosseguiu ao longo da história. A LDB de 11 de agosto de 1971 - Lei 5692/71, não incluía a língua estrangeira como obrigatória e desta forma deixara a escolha para os conselhos de educação dos estados.

Após 25 anos com a versão mais recente da LDB – Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, é que o ensino de pelo menos uma língua estrangeira passa a ser obrigatório na 5ª série do ensino fundamental.

Na parte diversificada do currículo será incluído, obrigatoriamente, a partir da 5ª série, o ensino de pelo menos uma língua moderna, cuja escolha ficará a cargo da comunidade escolar dentro das possibilidades da instituição. (LDB, 1996, Art. 26, §5º).

Também fica estabelecido que no ensino médio, Art. 36, § 3º, “[...] será incluída uma língua estrangeira moderna, como disciplina obrigatória, escolhida pela comunidade escolar, e uma segunda, em caráter optativo, dentro das disponibilidades da instituição”.

Em relação às duas versões anteriores, a LDB de 1996, resgata a importância do ensino das línguas estrangeiras. E ao estado, com seus mecanismos de aprimoração do conhecimento tem por obrigação formatar as possibilidades de ensino mediante o cumprimento da legislação em vigor.

Como afirma o Currículo Básico Escola Estadual (2011, p.21):

O ensino de línguas estrangeiras recupera, a partir da LDB (1996), dos PCNs (1999) e das Orientações Curriculares Nacionais (2006), sua importância no conjunto das disciplinas, contribuindo para a formação integral do aluno. Entende-se que definição dos objetivos para o ensino de LE nas escolas do Espírito Santo deve ter em perspectiva os aspectos apontados nos documentos oficiais, tais como as OCN-EM (2006) e os PCNs (1999).

Falar da história e da implantação da LI no Brasil e das leis que regem o ensino e das metodologias faz-se necessário para compreender o atual contexto. De acordo com Leffa (2003) é preciso entender o passado para mudarmos o presente e planejarmos o futuro. Pensar esse futuro é buscar soluções para fazer da LI em nossas escolas uma realidade permanente.

O ensino das línguas estrangeiras no Brasil vem sendo discutido, refletido e mal interpretado ao longo dos anos. É possível que a sua relevância ainda não esteja de

fato percebida ou o fato se desconhecer a sua verdadeira finalidade. Os métodos de ensino mudaram, os recursos estão sendo substituídos por tecnologias alcançáveis por professores e alunos, uma vez que a maioria das escolas é provida de laboratórios e os meios de comunicação tornaram-se acessíveis à sociedade.

3.3 Ensino da Língua Inglesa: métodos

Escolher um método de ensino é opcional ao professor, ele que, ao conhecer os alunos, deve apropriar-se daquele mais eficaz para a turma, isto é, o professor deverá seguir um caminho para chegar a um fim. “Em educação, mais precisamente no campo da Didática, empregamos este termo para traduzir um conjunto teórico constituído por pressupostos, princípios e procedimentos orientadores do trabalho pedagógico” (FARIAS, 2011, p.38).

A descrição dos métodos de ensino de língua inglesa é apresentada na tentativa de esclarecer como os seus componentes estão interligados, apesar de pertencerem a diferentes períodos e diferentes metodologias de ensino de línguas estrangeiras.

Contudo, podemos perceber que em cada um desses métodos também está contextualizado em um momento histórico e passamos a evidenciar que o ensino faz parte de uma engrenagem maior que é a sociedade.

No Brasil, os métodos ou abordagens que mais se destacam são: Abordagem da Gramática e da Tradução (AGT), Abordagem ou Método Direto (AD), Abordagem Audiolingual (AAL) e Abordagem Comunicativa (AC).

O AGT como já foi dito, consiste em um método baseado em tradução e aquisição de gramática da língua alvo. Basicamente utilizado a primeira língua para aquisição da segunda, por meio de memorização de lista de palavras, exercícios de tradução até atingir habilidades de leitura fluente na língua alvo.

Desse modo constata-se a ênfase apenas na forma escrita da língua. Como afirma Leffa (1988, p. 4) “A ênfase está na forma escrita da língua, desde os exercícios

iniciais até a leitura final dos autores clássicos do idioma. Pouca ou nenhuma atenção é dada aos aspectos de pronúncia e de entonação”.

Em contra partida no AD a ênfase está na oralidade, ou seja, o uso da língua alvo desde as primeiras aulas, mas não é enfatizado o estudo crucial da gramática. Usam-se diálogos situacionais, tais como; “no supermercado”, “na escola”, etc. Dessa forma a repetição dos textos é uma aliada desse método, pois com a repetição a gramática é aprendida inconscientemente.

A gramática, e mesmo os aspectos culturais da língua secundária, são ensinados indutivamente. O aluno é primeiro exposto aos ‘fatos’ da língua para mais tarde chegar a sua sistematização. O exercício oral deve preceder o exercício escrito (LEFFA, 1988, p.5).

Este método requerer do professor grande fluência na língua, já que as aulas são totalmente ministradas na língua alvo. Este método oficialmente fez parte do ensino brasileiro Da LI na década de 1930.

Considerando que a língua pressupõe-se a fala, a Abordagem Audiolingual (AAL) baseia-se no automatismo e interage a um método didático sequencial acreditando que ao imitar, memorizar, repetir e exercitar sentenças seriam formas capazes de alcançar a fluência. Comparado ao método direto, este método não tem nada de novo, apenas se diferencia pelo seu reconhecimento como uma ciência e por criação de série de premissas que formaram a estrutura de ensino de línguas.

Nessa abordagem, prevalece o ensino primeiro da comunicação oral e só depois, que há inserção da escrita e da leitura. Vista com áreas distintas do aprendizado a fala e língua escrita, justificando que ao ensinar uma língua para uma criança, este aprendizado passa por várias fases e em nenhuma delas é verificada a inserção da escrita. Isso acontece somente depois do processo natural de sistematização da língua. O atropelamento desse processo comprometeria no processo inicial, que é a aquisição da oralidade. Esse método foi muito utilizado, nos institutos de língua estrangeira.

A Abordagem Comunicativa (AC) parte do pressuposto de que para aprender a língua alvo, há necessidade de praticá-la constantemente, e que os processos

comunicativos são tão importantes quanto às formas gramaticais, que por sua vez estão condicionadas ao significado.

Segundo Leffa (1988, p.18):

Enquanto que no audiolingualismo o ensino da língua se concentrava no código, amplamente descrito durante os vários anos do estruturalismo, a nova abordagem enfatizava a semântica da língua, descrita fragmentariamente em alguns estudos esparsos. Daí que o primeiro desafio dos metodológicos foi elaborar um inventário das noções e funções que normalmente se expressam através da língua. O objetivo não era descrever a forma da língua, mas aquilo que se faz através da língua.

A aplicação desse método propicia a construção do conhecimento de maneira significativa porque parte do princípio de que a língua é um instrumento vivo, em constante transformação, e não um conjunto de regras gramaticais a ser decorado e memorizado para avaliações, sem jamais ser utilizado fora de sala de aula. Há uma preocupação com a linguagem adequada a cada situação, e também é defendido que a mesma frase de várias maneiras, o significado de uma palavra só é possível a partir de um contexto real.

O uso de linguagem apropriada, adequada à situação em que ocorre o ato da fala e ao papel desempenhado pelos participantes, é uma grande preocupação na Abordagem Comunicativa. Os diálogos artificiais, elaborados para apresentarem pontos gramaticais são rejeitados. A ênfase da aprendizagem não está na forma linguística, mas na comunicação (LEFFA, 1988, p.22).

Quanto ao material elaborado, o método prioriza uma representação perfeita do real, os diálogos reproduzem até mesmo os ruídos, escoras de línguas e até mesmo os sotaques. Os textos escritos abordam todos os tipos de fontes, (livros, revistas, jornais, cartas, formulários, contas, catálogos, rótulos, cardápios, cartazes, instruções, mapas, programas, bilhetes, contratos, cartões, listas telefônicas) tudo enfim ao que o falante nativo está exposto diariamente.

Entretanto, para que aluno construa o conhecimento, a maneira como este é apresentado é de fundamental importância, já que o professor é o mediador desse processo. A interação professor-aluno e a intervenção do professor poderão facilitar a construção significativa do conhecimento. Toda atividade requer um processo de

variáveis para que a intenção do professor e os objetivos estimados aos alunos sejam alcançados. A aprendizagem implica na interação do aluno com o meio, com o professor e com a matéria ensinada.

As mensagens que um professor transmite aos seus alunos não no começo de uma exposição, mas *antes de realizar uma tarefa* podem orientar sua atenção em diferentes direções. Podem, por exemplo, sugerir que a tarefa é realmente importante para diferentes tipos de metas [...] (TAPIA, FITA, 1999, p.51-52).

Portanto, a motivação é considerada uma pré-condição para toda a aprendizagem. Ela trará significação para o aluno aprender. Há ainda a motivação para a pluralidade cultural na aprendizagem de um segundo idioma, realçando outra cultura e comparações pertinentes.

Seguindo as orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs, atualmente os livros didáticos de Ensino Fundamental propõem uma abordagem comunicativa: o da língua por meio de tópicos de interesse comum aos alunos. Os diálogos propiciam vivenciar situações de comunicação. Os textos abordam os temas transversais (ética e pluralidade cultural), possibilitando ao aluno conhecer a cultura dos países da LI e compará-la com a cultura brasileira e outras, levando-os a uma análise crítica do mundo em que vivem.

E ainda: o professor tem liberdade para usar o método que mais se adéqua a atividade desenvolvida. Mas é observado que o Método Comunicativo ou Abordagem Comunicativa nas escolas de Ensino Fundamental tem sido o que mais surte efeitos, porque ele vem ao encontro das propostas dos PCNs de Língua Estrangeira para o Ensino Fundamental.

Já para os linguistas, atualmente, não existe uma forma perfeita, muito menos um método que seja impossibilitado aos erros. Por isso, a sala de aula pode ser considerada um laboratório de experimentações e adequações, como afirma Leffa (2012, p. 407):

O que se afirmava num determinado momento era negado no momento seguinte, incluindo conceitos fundamentais como o de língua e aprendizagem, levando a um esgotamento metodológico. O sonho de um

método único e infalível tinha acabado. No presente, depois de se chegar à constatação histórica de que o método produzia mais sequelas do que soluções, a desilusão foi tão grande que se optou drasticamente pela sua extinção; o ensino de línguas tinha chegado à era pós-método.

O ano de 2001 evidenciou o termo pós-métodos, seguindo influências do pós-modernismo, pós-humanismo, pós-estruturalismo e por diante. Depois de várias tentativas frustradas de encontrar um método infalível, abandona-se esta busca, mas isso não significa o abandono aos métodos, mas a ideia central é que deve ficar a critério do professor escolher a forma como conduzir suas classes. E ainda a LDB deixa em aberto a forma como ministrar o ensino da língua, podendo ser flexível e organizada por níveis de conhecimento conforme o Art. 23 (BRASIL, 1996).

De acordo com Leffa (2012) o ensino de língua se resume em três linhas de ação: primeiro a substituição do AC, com proposta de unificar o ensino, fundados em estratégias que atendam tanto ao aluno, professor e ao contexto onde tudo acontece. Segundo, integração com o entorno levando em consideração a realidade do aluno e o meio e implantação da pedagogia de projetos. Terceiro, a pedagogia que permite professor e aluno construírem juntos o conhecimento linguístico, valorizando o seu próprio contexto.

Leffa (op. cit.) afirma ainda, que antes se buscava um método à prova do professor, agora o inverso, procura-se um professor à prova de um método. Ao professor cabe conhecer esses métodos e analisar criticamente o desdobramento das técnicas aplicadas; discernir as finalidades e verificar os valores didático-pedagógicos contemplados.

O estudo das metodologias de ensino de língua inglesa foi essencial para que se reconheça que elas apresentam uma fundamentação de como a aprendizagem acontece e isso norteia as práticas pedagógicas e docentes. É preciso conhecer cada método, analisar em que contexto foi utilizado e os resultados da aplicabilidade no cotidiano da sala de aula e nesse caso especificamente do ensino da língua inglesa, como já enfatizado sua importância em uma sociedade em progresso e com relações exteriores cada vez maiores, dado o avanço da globalização, também incluídos nos Parâmetros Curriculares Nacionais.

3.4 PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais

Os PCNs abordam todos os aspectos relevantes no ensino da Língua Inglesa. Neles são citadas diversas contribuições de uma educação voltada aos interesses dos alunos, como: expansão das habilidades comunicativas e ampliação cultural, compreensão das diferentes formas de comunicação e da variabilidade dialetal, adequação linguística de acordo com o ambiente em que está inserido.

Quando se fala em aprender uma segunda língua, ou acesso ao ensino da mesma no âmbito escolar, está-se falando de expandir conhecimentos e agregar aspectos relevantes da linguística e, sobretudo da cultura, se constituindo um espaço de aprendizado e novos e diferentes saberes que possivelmente serão aplicados no convívio social e na vida prática.

Fazer com que o aluno se interesse e aprenda a Língua Inglesa é muito importante devido à dimensão que essa língua ocupa no atual contexto. Partimos do princípio da importância do latim sobre o que este idioma foi no passado, um instrumento de dominação e com o passar do tempo foi perdendo forças até chegar a total desuso como língua falada. Hoje, a língua inglesa ocupa essa importância, face ser um idioma universal.

A aprendizagem de Língua Estrangeira é uma possibilidade de aumentar a auto percepção do aluno como ser humano e como cidadão. Por esse motivo, ela deve centrar-se no engajamento discursivo do aprendiz, ou seja, em sua capacidade de se engajar e engajar outros no discurso de modo a poder agir no mundo social (BRASIL, 1998, p. 15).

Formar as pessoas integralmente pode ser ações fomentadas a partir da análise de uma língua que é instaurada para dinamizar as relações corriqueiras da vida. Formar os homens para o bem deve ser uma prática constante das situações pedagógicas na transformação das realidades encontradas.

Os PCNs (BRASIL, 2006, p. 91) ressaltam que:

[...] a disciplina Língua Estrangeira na escola visa a ensinar um idioma estrangeiro e, ao mesmo tempo, cumprir outros compromissos com os educandos, como, por exemplo, contribuir para a formação de indivíduos como parte de suas preocupações educacionais.

Quanto às habilidades a serem desenvolvidas, os PCNs da LI focam a comunicação oral, a leitura e a escrita. O auxílio da aprendizagem de uma língua estrangeira está em atingir a heterogeneidade do uso da linguagem, sendo esta contextual, cultural, histórica e social.

Antes de qualquer coisa é preciso ter a certeza junto aos alunos o que vem a ser a língua para eles e suas utilidades.

[...] ao ensinar uma língua estrangeira, é essencial uma compreensão teórica do que é a linguagem, tanto do ponto de vista dos conhecimentos necessários para usá-la quanto em relação ao uso que fazem desses conhecimentos para construir significados no mundo social. (BRASIL, 1998, p. 27).

A aprendizagem significativa, segundo David Ausubel (2000) é aquela que se relaciona, se interliga a aprendizagens já realizadas, a conteúdos já existentes no sujeito.

A aprendizagem por recepção significativa envolve principalmente aquisição de novos significados a partir de material de aprendizagem apresentado. Exige quer um mecanismo de aprendizagem significativa, quer a apresentação de material *potencialmente* significativo para o aprendiz. Por sua vez, a última condição pressupõe (1) que o próprio material de aprendizagem possa estar relacionado de forma *não arbitrária* (plausível, sensível e não aleatória) e *não literal com qualquer* estrutura cognitiva apropriada e relevante (i.e., que possui significado 'lógico') e (2) que a estrutura cognitiva *particular* do aprendiz contenha ideias *ancoradas* relevantes, com as quais se possam relacionar o novo material. A interação entre novos significados potenciais e ideias relevantes na estrutura cognitiva do aprendiz dá origem a significados verdadeiros ou psicológicos. Devido à estrutura cognitiva de cada aprendiz ser única, todos os novos significados adquiridos são, também eles, obrigatoriamente únicos. (AUSUBEL, 2000, p.1).

O avanço do inglês se comprova na tecnologia que conduz a um universo desconhecido e que precisa ser desvendado. Conhecer as propostas de inovação faz do homem um ser capaz de racionalizar com coerência e satisfazer as exigências do mundo moderno.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Estrangeira para o Ensino Fundamental relatam:

[...] Uma língua estrangeira, e neste momento histórico particularmente o Inglês, dá acesso à ciência e tecnologia modernas, à comunicação intercultural, ao mundo dos negócios e a outros modos de conhecer a vida humana (BRASIL, 1998, p.65).

Por meio de um idioma estrangeiro o homem conseguirá compreender a diversas condições sociais, culturais e econômicas e assim estará apto a tecer melhores relações na construção do seu conhecimento.

Os Parâmetros Curriculares mencionam a seguinte proposição acerca do acesso a língua inglesa:

[...] representa para o aluno a possibilidade de se tornar um cidadão ligado à comunidade global ao mesmo tempo em que pode compreender, com mais clareza, seu vínculo como cidadão em seu espaço mais imediato (BRASIL, 1998, p.49).

Buscar a apropriação de um novo falar é realmente uma ação de coragem para a escola que deseja o conhecimento ao seu alunado. Contribuir no campo das informações do discente é promover a ascensão do mesmo e conduzi-lo a novas perspectivas de vida. É o que pretendemos investigar analisando o currículo básico da Escola Estadual (CBEE) no município de Montanha – ES, bem como a carga horária estabelecida para a LI e opiniões dos corpos docente e discente.

3.5 O Currículo Básico da Escola Estadual

O Currículo Básico da Escola Estadual (CBEE) de 2011 é um documento utilizado como instrumento que orienta no desenvolvimento para construção dos objetivos de ensino da escola. Fundado em bases legais e formas de organização de acordo com cada modalidade de ensino, traz importantes realidades sobre as escolas em geral em diferentes aspectos. Apoiando-se neste, a escola traça o seu plano de curso contendo os conteúdos programáticos, metodologias, formas de avaliação e elabora a proposta curricular e o seu plano político pedagógico.

O CBEE da área de linguagens e códigos-língua estrangeira moderna do Espírito Santo de 2011 dispõe a proposta de ensino para o quadriênio de 2011 a 2014.

Entendemos que para a construção de uma proposta de ensino de Língua Estrangeira dessa natureza deve-se considerar o mundo globalizado e tecnologicamente conectado no qual estamos inseridos, exigindo, sobretudo, uma visão mais crítica e consciente do poder da linguagem na construção de visões de mundo e das identidades. Nesse sentido, evidenciam-se no presente documento os pressupostos teóricos que fundamentam o Currículo Básico Escola Estadual, numa abordagem sociointeracionista dos conteúdos sob a perspectiva dos novos letramentos, entendidos então como aquisição/construção de conhecimentos de naturezas diversas, imprescindíveis ao desenvolvimento e à prática de atitudes e valores mais democráticos, igualitários e construtivos à sociedade (CBEE, 2011, p.9).

Evidencia-se a importância do currículo tanto no contexto escolar como cultural e social. Atualmente vimos à evolução tecnológica, a velocidade no processamento das informações, daí a relevância em se buscar um currículo flexível e aberto à criatividade do professor. Esta autonomia faz com que o processo de ensino seja dinâmico e capaz de romper barreiras, promovendo a integração entre o aluno e o mundo.

A rápida mudança nas tecnologias envolvendo a internet tem gerado muita preocupação quanto ao método educativo. Aos alunos dessa geração, velhas práticas pedagógicas já não se aplicam mais. O processo educacional precisa ser atrativo, interativo e apresentar significância para chamar sua atenção. A irrelevância desses aspectos ocasionará em total desinteresse de aprendizado. Visto que estes já se inserem em contexto de sofisticação tecnológica, a escola necessita sempre pôr em prática novas pedagogias.

Há que se ter cuidado de não tentar mascarar uma mudança, mas, buscar novas formas e usos para os serviços e ferramentas que as novas tecnologias educacionais nos oferecem. Caso contrário, só haverá adaptação destas mudanças para antigas posturas, o que não levaria a uma educação realmente significativa para o nosso tempo.

Ora ou outra, é preciso compreender que as interações provocadas por novas ferramentas da informação provocam mudanças nos métodos linguísticos necessários às condições exigidas.

Por isso, novas práticas de letramento possibilitam novo olhar pela prática do saber um idioma estrangeiro, visto que:

O caso típico é o papel que o Inglês representa em função do poder e da influência da economia norte-americana. Essa influência cresceu ao longo deste século, principalmente a partir da Segunda Guerra Mundial, e atingiu seu apogeu na chamada sociedade globalizada e de alto nível e século. O Inglês, hoje, é língua mais usada no campo tecnológico, em que alguns indivíduos vivem neste final do mundo dos negócios, e em alguns países como Holanda, Suécia e Finlândia, seu domínio é praticamente universal nas universidades (BRASIL, 1998, p. 23).

O conhecimento precisa ser difundido e manifestado em todos os níveis e para que isso ocorra de fato serão necessárias políticas públicas que estabeleçam princípios na gestão de qualidade em prol principalmente daqueles que têm mais dificuldade de acesso ao ensino de língua inglesa. Oportunizar as situações é fundamental para a produção de respostas aos problemas encontrados.

Há críticas em relação à invasão do inglês no vocabulário da língua portuguesa, mas é inquestionável dizer da sua expansão massiva nestes últimos tempos, que com a modernização das relações possibilitou o acesso a novas formas de interação entre as pessoas pelo mundo. O fato de cada indivíduo descobrir outras possibilidades pela nova língua faz com que as relações se encurtem e assim surgem novos caminhos. O Currículo Básico Escola Estadual relata: (2011, p.15):

Apesar do contato e do convívio com as diferenças, em grande parte proporcionada pela internet, ainda há quem pense que a queda das fronteiras geográficas (e culturais) daí resultantes são mais ameaçadoras do que construtivas para a formação do discurso e das identidades dos que ali interagem. Tal visão fortalece o argumento de que é preciso incentivar experiências e reflexões mais próximas do dia a dia e do contexto sócio-histórico-cultural dos aprendizes de língua estrangeira, equilibrando tais práticas com instrução e experiências também relativas à cultura da língua-alvo, considerando que, na atualidade, o mundo é cada vez mais multicultural.

Ou seja, é preciso haver um equilíbrio entre o que é aprendido de novo com aquilo que já é contextualizado pela gramática internalizada pelo indivíduo. Podemos chamar a esse “fenômeno” de competência, que é a capacidade de mobilizar conhecimentos, valores e decisões para agir de modo pertinente numa determinada

situação. Portanto, para constatá-la, há que considerar também os conhecimentos e valores que estão na pessoa e nem sempre podem ser observados.

Para tanto, novas habilidades e competências precisam ser adquiridas e trabalhadas dentro de uma perspectiva ao mesmo tempo multicultural e colaborativa. Também nos parecem mais complexas as novas formas de leitura e interação em ambiente virtual; por conseguinte, as novas habilidades e estratégias empregadas nessas práticas - assim como muitas outras necessárias ao uso eficiente da tecnologia - devem emergir e ser trabalhadas numa perspectiva mais didática e crítica, favorecendo a autonomia dos aprendizes. Tais mudanças nas maneiras de ler, compreender e fazer uso de textos, como também nas formas de interação disponíveis em ambiente virtual, não podem mais ser ignoradas por currículos nem por práticas docentes. O papel do ensino de línguas e do uso de linguagens diversas deve ser debatido e reafirmado na perspectiva dos letramentos. Em outras palavras, a aprendizagem de línguas deve proporcionar experiências mais críticas e democráticas aos alunos, frente à nova ordem mundial (CBEE 2011, p.16).

Lück (2000, p.12) fala da complexidade do sistema de ensino e indica o que se deve fazer para potencializá-lo ao máximo:

A educação, no contexto escolar, se complexifica e exige esforços redobrados e maior organização do trabalho educacional, assim como participação da comunidade na realização desse empreendimento, a fim de que possa ser efetiva, já que não basta ao estabelecimento de ensino apenas preparar o aluno para níveis mais elevados de escolaridade, uma vez que o que ele precisa é de aprender para compreender a vida, a si mesmo e a sociedade, como condições para ações competentes na prática da cidadania. E o ambiente escolar como um todo deve oferecer-lhe esta experiência. Educação, portanto, dada sua complexidade e crescente ampliação, já não é vista como responsabilidade exclusiva da escola.

Quem cuida da educação e do seu bom funcionamento deverá estar atento às diversas mudanças que constantemente alteram as possibilidades de emancipação do saber.

3.6 A importância da Língua Inglesa para os alunos

É imprescindível nos dias atuais a importância do ensino da LI para os alunos, adquirir uma segunda língua não é apenas questão de *status*, mas um diferencial para sua vida profissional e intelectual. A inserção dessa disciplina no currículo escolar constitui grande avanço conquistado em favor dos alunos. Isso é claramente ressaltado e devidamente amparado pela LDB – Lei de Diretrizes e Bases da

Educação – Lei 9394/96 que estabelece um currículo de base nacional comum para o ensino fundamental e médio. Graças a esta medida, o ensino de língua estrangeira moderna passou a ter seu espaço garantido nas escolas de nível fundamental e médio, espaço que foi negado durante muito tempo por ser considerada disciplina pouco relevante para a vida profissional do educando.

Os PCNs (1998) estabelecem as competências e habilidades a serem desenvolvidas em língua estrangeira, utilizando registro adequado à situação na qual se processa a comunicação e o vocabulário que melhor reflita a ideia que pretende comunicar, além do uso da língua estrangeira moderna como instrumento de acesso à informação e a outras culturas e grupos sociais por meio de uma contextualização sociocultural, sabendo distinguir as variantes linguísticas compreendendo em que medida os enunciados refletem a forma de ser, pensar, agir e sentir de quem produz essa segunda língua.

A LI ocupa lugar de destaque no mundo, é a língua da globalização dos saberes, da aproximação das culturas, da comunicação. Buscar conhecer esse universo é tarefa crucial de cada aluno, sendo então a escola o lugar ideal para o seu aprendizado. Aprender um novo idioma pode ser tarefa árdua se for tomada como obrigação e não entendida como aventura, missão ou desafio. Segundo Vilaça (2010, p.2):

Em geral, a aprendizagem deste idioma aparece relacionada a quatro tipos de fatores: educacionais, profissionais, integrativos (para interação com outras pessoas) e de recreação (por interesses como lazer, viagens...). Em alguns casos, vários destes fatores podem contribuir para a motivação ou necessidade da língua inglesa. Dentre eles, no entanto, questões profissionais tendem a ter maior visibilidade.

No que se refere ao fator educacional, trata-se da disciplina de língua estrangeira moderna estar inserida no currículo dos anos finais do ensino fundamental e no ensino médio. Por outro lado, quando se pensa em ampliar o leque de oportunidades dentro do mercado de trabalho, vemos a necessidade de um profissional bilíngue no contexto das empresas, principalmente as multinacionais com grande expansão, que valorizam o profissional falante de outro idioma. E isso tem motivado cada vez mais os profissionais buscarem o aprimoramento da

segunda língua com vistas à garantia e empregabilidade. Ainda nessa perspectiva, vemos os jovens que buscam intercâmbios, viagens em outros países e se veem precisando dominar a língua inglesa para melhor usufruir dessa integração.

Na Dom José Dalvit, escola da pesquisa em questão, os alunos ao falar das perspectivas para o futuro, a maioria reconhece que a LI deve fazer parte do currículo para sua vida profissional e sonham em dominar o idioma. É comum a pretensão de fazer um curso extracurricular para avançar nos estudos da mesma. Quanto ao conhecimento adquirido ao longo da sua vida escolar, esse é visto com preocupação, pois ainda não foi o bastante para garantir uma fluência na língua.

Devido à competitividade do mercado, a sociedade exige das pessoas competências que as façam mais preparadas. Quando o conhecimento é procurado e adquirido, o cidadão terá condições de pleitear a sua trajetória rumo ao sucesso.

Vilaça (2010, p.2) comenta que:

Neste caso, geralmente o inglês se revela como opção popular ou até mesmo necessidade já que, por exemplo, as opções normalmente não são muitas. A língua inglesa também tem a sua importância salientada no mundo profissional, fato abordado com razoável frequência em reportagens, muitas vezes em cadernos de jornais e sites destinados a empregos e negócios. O inglês pode ser um requisito para pleitear uma vaga de emprego ou como fator de impacto positivo significativo para a empregabilidade.

Dessa forma, é necessário que os alunos descubram as suas potencialidades referentes ao estudo da LI, bem como propor aos professores o emprego de recursos que servirão de base para novas descobertas. Respeitar as diversidades linguísticas e produzir novas reflexões é fundamental para o estudo de um novo idioma mediante as dificuldades de cada estudante. As práticas escolares devem levar os alunos a uma ação efetiva de ensino que os preparem para as dificuldades que possam surgir. Nesse contexto, emerge o professor que deve lançar mão de uma metodologia diferenciada para utilizar o espaço propício de construção do saber, que é cercado de desafios.

As ações previstas pela escola devem encandear uma série de respostas que motivem os alunos a serem autores da própria história e não simples personagens.

Os estudantes devem incorporar condições que potencializem suas capacidades intrínsecas e assim manifestar seu lado transformador.

Querer aprender um novo idioma e tê-lo como opção de vida é permitir avançar para novas propostas de vida e assim compreender a tecnologia que conecta a todos de uma única forma. Para Siqueira (2010, p.3):

A perceber a multiplicidade de fatores que subsidiam o ensino da Língua Inglesa, podemos entender o ensino como linguagem didática, e como linguagem é constituída para e pelo aluno e professor numa representação simbólica contextual, numa relação dialética entre os sujeitos que nesse contexto, escolhem a estampa tecnológica como marca do percurso a ser trilhado para o desenvolvimento dessa aprendizagem.

Quando se adere à proposta de usar da língua inglesa é preciso concebê-la na estrutura de um modificador capaz de contextualizar as teorias aprendidas em sala de aula com as exigências que o mundo pode oferecer. Permitir o acesso as suas habilidades fundamentais como a fala, escrita, audição e leitura é desafiar a cultura impregnada no homem e colocá-lo em consonância com as demais realidades a sua volta.

3.7 O papel do professor

Hoje, com a expansão da LI no mundo, ser professor dessa língua é uma tarefa muito importante e desafiadora, principalmente para os que não são nativos: requer um preparo maior, dedicação e tempo para uma equivalente competência profissional. Pois saber a língua que ensina é a chave do sucesso e caminho para seduzir os novos aprendizes. O profissional formado em letras/inglês tem diversos meios de atuação profissional, como: professor, assistente de comércio exterior, atendente bilíngue, representante comercial bilíngue, tradutor intérprete, entre outros.

No caso do professor de LI não basta apenas saber a língua que ensina, é necessário que esteja preparado didaticamente para o processo de ensino. Buscar formação contínua é a saída para se manter atualizado e não correr risco de ficar ultrapassado. O professor precisa estar sempre alerta. Nos primeiros sinais de falhas

no aprendizado, faz-se necessário que reveja o processo ensino-aprendizagem, desenvolvendo e aprofundando as concepções pedagógicas, refletidas nos métodos adotados, os quais favorecem a realização da aprendizagem, a qualidade do resultado, a transformação de potencialidades em capacidades. Encontrar o problema faz-se buscar a solução.

Esse é um caminho para renovar a Educação, orientando a ação do Educador para que busque possibilidades para o desenvolvimento integral do homem. Urge implementar novas metodologias, técnicas e uso de recursos para o alcance de um bom nível no sistema de ensino, conferindo-lhe mais qualidade no atendimento educacional. Mas é importante frisar que, sem a devida qualificação, pouco adiantará oferecer aos professores estes recursos. Vale registrar que:

O trabalho do professor é sempre cercado de obstáculos, desde a falta de recursos materiais até uma possível resistência dos alunos. Para vencer esses obstáculos, é preciso contaminar os outros com o nosso entusiasmo. Trata-se essencialmente do processo de sedução, movido pelo desejo (LEFFA, 2009, p. 120).

As possibilidades de se ter tecnologia na aprendizagem muda o papel exercido pelo professor. Hoje o conhecimento está contíguo ao aluno, e o professor nesse processo entra como um intermediário, capaz de aproximar, direcionar, instigar e avaliar o processo de ensino-aprendizagem. Por mais próximo que esteja o conhecimento do aluno, este sozinho dificilmente o alcançará e o caminho é mais curto com a ajuda e experiência do professor. Pode-se inferir que por mais que as tecnologias estejam presentes no desenrolar do processo de aprendizagem, se não houver a participação do professor, dificilmente o conhecimento será alcançado. Sendo assim, não existe uma relação de substituição e sim de complementação.

A transformação oriunda do contexto de evolução impulsiona-nos a acompanhar a própria evolução tecnológica do contexto e do conhecimento. Segundo Pretto (2006) não adianta a escola ter acesso ao mundo da informática e continuar com o processo de ensino a partir de repetição de fórmulas sem criar um relacionamento entre aluno e estudo. Se o método continuar o mesmo nada vai adiantar.

Hoje existem salas de aulas modernas, onde o quadro de giz é substituído por uma tela especial; para a escrita, o professor utiliza o dedo ou um pincel de madeira, cada anotação é transmitida simultaneamente para as telas dos computadores individuais dos alunos. Ao término da aula, as anotações são gravadas num disquete que pode ser levado para casa.

Acredita-se que num futuro não muito distante, surgirão os programas de aprendizado automático, exigindo-se dos computadores uma compreensão quase que humana. Diante destes fatos e avanços, talvez se possa prever que os computadores possibilitem uma nova forma de aquisição de conhecimento.

Desse modo, há a necessidade de uma didática diferente, oportunizando aos professores e alunos novas competências. A construção do conhecimento concretizar-se-á a partir do uso desse conhecimento e das capacidades criativa, crítica e com possibilidades de clarificação dos seus objetivos.

Celani (2001, p.16) já se preocupava com o papel do professor de LI para ser um bom profissional:

1. Empenhar-se em afetar a vida de seus alunos (objetivo moral);
2. Aprofundar o conhecimento pedagógico (conhecimento mais sofisticado sobre ensinar e aprender);
3. Conscientizar-se sobre os amplos problemas da política educacional e desenvolvimento social;
4. Trabalhar de modo interativo e colaborativo;
5. Aprender a trabalhar em novas estruturas – redes de aprendizagem;
6. Desenvolver o hábito e as habilidades de indagação e aprendizagem;
7. Mergulhar nos mistérios, nos altos e baixos da complexidade dinâmica do processo de transformação.

Souza (2011) diz que o professor é um ser com grande conhecimento e importância e por isso deve sempre buscar a excelência. Ao ensinar uma nova língua, este realmente precisa encantar seus alunos e interferir na situação intelectual dos seus estudantes. A construção do saber deve ser algo contínuo e que promova a reflexão.

Ensinar requer zelo e respeito. Transmitir determinado assunto por transmitir é um crime contra aqueles que anseiam pelo saber e assim deveriam ser conduzidos a novas condições de vida. Segundo Maia (2012, p.12):

No âmbito educacional, para que aconteça a aprendizagem de um novo idioma, a prática de ensino da língua inglesa deve ser cada vez mais prazerosa para que os discentes tenham satisfação. Com isso, logo irão aprender a desenvolver mais as habilidades da LI percebendo seu uso e relevância na vida pessoal e social. Para conceber a aprendizagem no ato educativo temos de estar cientes de que o processo "ensino-aprendizagem" é um trabalho complexo, que além de abranger a atividade de aprender e ensinar requer uma análise fundamentada em diferentes abordagens. Faz-se necessário que os conteúdos escolares voltados para o ensino de LI sejam trabalhados de forma mais expressiva. Isto possibilita o envolvimento do aluno com o seu aprendizado, fazendo-o perceber a utilização do inglês em situações mais próximas de sua realidade. Estes conteúdos também precisam estar atrelados ao conhecimento prévio do aluno e sejam condizentes com o objetivo que o professor determinou para a aula. Essa postura propiciará uma motivação maior nos alunos.

O ensino de língua inglesa precisará ser realizado com bastante ênfase à medida que o aluno consiga se apropriar de tais saberes da disciplina. Este ensinar exige uma troca de conhecimentos prazerosa e capaz de gerar informações precisas. O docente e o aluno estarão em constante aprendizado.

Segundo Sousa (2006), a teoria do processamento da informação é um ramo da psicologia cognitiva que objetiva desvendar os caminhos dos processos cognitivos implicados quer na aprendizagem em geral quer nas aprendizagens específicas. Não concebida como uma teoria unitária, mas, antes, como um quadro de referência que alberga variadíssimos programas de pesquisa. Vê o sujeito como um sistema que processa informação e que, num determinado contexto, se empenha em resolver um problema. Simplificando: o paradigma procura o impulso de entrada (*input*), que desencadeia todo o processo, e termina com uma resposta (*output*), que tanto pode ser uma informação guardada ou evocada na memória, como uma resposta motora, uma resposta verbal, uma decisão ou um juízo.

Apesar de longos anos dedicados à discussão sobre o processo de ensino e aprendizagem da língua estrangeira, ele permanece ineficiente nas escolas públicas. Isso parece estar acontecendo por não se atender à finalidade do ensino que o momento em que vivemos exige. Logo, o ensino e a aprendizagem da língua inglesa nas escolas públicas precisa também atender às exigências de hoje.

De acordo com Costa (1987), é por meio de uma aprendizagem significativa que o sujeito terá mais impulso em ir em busca do conhecimento ao qual deseja alcançar.

Ou seja, um ensino que motive, inspire, cativa e hipnotize o aluno de suas reais capacidades particulares. Ninguém nasce pronto. Cada sujeito é capaz de fazer a sua história e motivar aos demais a fazerem o mesmo. O professor precisa evocar tais capacidades na sua turma.

O professor precisa trabalhar com dedicação, respeito e cumplicidade na dimensão de fomentar constantemente a investigação e a resposta acerca dos diversos questionamentos sobre a língua e suas decorrentes discussões se configurem propostas de uma educação que de fato prepare o indivíduo para a vida.

Cabe ao professor mostrar ao aluno que seu conhecimento será possível quando o mesmo perceber que a sua capacidade de aprendizagem provém de suas capacidades inatas e básicas. Conhecer o inglês desafiará o aluno a ter uma postura investigativa e para que isso ocorra de fato este precisará ser conduzido a passos calmos no aprendizado, mas capazes de fazer a diferença e induzir ao aluno o saber fundamental.

Ao professor fica o legado de ser a ponte de união entre o aluno e conhecimento, não ter medo de ousar, de lutar por seus ideais. Ao se motivar ele é capaz de motivar todos em sua volta, pois o idioma estrangeiro precisa ser associado a algo alcançável.

3.8 A importância da Língua Inglesa para o mercado de trabalho

Falar a Língua Inglesa se torna cada vez mais importante para a sobrevivência profissional, e é um dos principais motivos do seu aprendizado. Como o mercado de trabalho vem se tornando cada vez mais competitivo, e as empresas principalmente as de grande e médio porte, possuem filiais e clientes em diversas partes do mundo, os candidatos às vagas dessas empresas precisam ter um conhecimento da língua inglesa, para poderem ter alguma chance de conquistar a vaga. Hoje, todo profissional deve buscar novos conhecimentos e informações para ficar atualizado no mercado.

Sabe-se que dentro de seu país cada pessoa estará falando a sua língua nativa. Na sociedade global, que é onde possui a fonte de informação e de conhecimento, exige uma comunicação só. Aquele que se negar a buscar o conhecimento da língua da comunicação estará praticamente excluído da sociedade global e por consequência das melhores oportunidades do mercado de trabalho.

Para o sucesso cabe estar aberto ao conhecimento, não deixar que desencanto tome o espaço do prazer de estudar. É preciso muita dedicação, esforço e confiança para alcançar o sucesso, pois, devido à competitividade existente, conseguir um bom emprego requer um currículo diversificado e o inglês geralmente é requisitado. Conceber uma nova língua é fundamental. Paiva (1996b) afirma:

Aprender a língua inglesa hoje é tão importante como aprender uma profissão. Esse idioma tornou-se tão necessário para a vida atual que, para conseguirmos aprimorar qualquer atividade profissional, seja no campo da medicina, da eletrônica, física, etc., teremos de saber falar inglês. Ontem o latim era obrigatório em todas as escolas, como língua universal, tornou-se o símbolo da cultura. Hoje, o "inglês" tornou-se o mais importante e essencial idioma do século XX (Jornal de Casa 02/08/1986 apud PAIVA, op.cit., p. 19).

E Souza (2011, p. 3) complementa:

O aprendizado dessa língua estrangeira contribui para que o indivíduo tenha oportunidade no mercado de trabalho, e assim, esse cidadão terá a chance de conhecer diversos campos das áreas humanas e tecnológicas. Fator este que o possibilitará a ascensão social. Aliás, saber inglês é um dos meios pelo qual lhe permite agir e interagir em um mundo globalizado. No entanto, no Brasil, quem tem acesso a tudo isso são as pessoas que têm certo poder aquisitivo, as quais podem pagar um curso de idiomas, porque na escola pública não se aprende inglês. Melhor dizendo, se aprende sim: a fazer frases nas três formas: afirmativa, negativa e interrogativa, conjugar verbos, traduzir algumas sentenças e, às vezes, diferenciar os tempos verbais. Porém, a comunicação para uma interação social não pode se limitar, apenas, a estruturas formais da língua, porque ela não depende unicamente de tais aspectos. Diante deste quadro se faz necessário conhecer um pouco do ensino de Inglês no Brasil, na tentativa de entender a deficiência do ensino deste idioma na escola pública (SOUZA, 2011 p. 3).

Apesar das falhas e deficiências nesse aprendizado, as políticas públicas se preocupam com os currículos implantados nas escolas, sobretudo com referência à LI, uma vez que atualmente, o caráter formativo de uma língua estrangeira ganha muito relevo, conforme registro nos PCNs de Língua Estrangeira.

Aqueles que buscam aprender um segundo idioma terão possibilidades de assumirem cargos exclusivos e estarão mais aptos aos desafios da modernidade. Mesmo empresas onde não se exige a proficiência em inglês, o domínio da língua lhe apontará o devido destaque. Conhecer e falar a língua inglesa se tornou uma atividade obrigatória. É de se lamentar que muitos ainda não tenham esse acesso. Neste contexto de relações a língua estabelece o elo entre culturas e promove um encadeamento importantíssimo para a difusão de verdades necessárias ao desenvolvimento do mundo. Perceptível o estrangeirismo na língua portuguesa nas mais diversas situações possíveis.

Segundo Maia (2012, p.11):

É comum encontrarmos no nosso convívio uma série de palavras em inglês vistas em muitos lugares e também enfileirados nas prateleiras das diferentes lojas, produtos industrializados e comercializados, como em alguns exemplos: pen drive, notebook, internet, hamburger, download, e-mail, close up, hot dog, rock, dentre tantas outras. Neste ponto percebemos a importância e a influência que a língua inglesa exerce sobre a nossa cultura, alimentação, entretenimento, moda, música, tecnologia e ciência. A todo instante nos deparamos diante da variedade de palavras estrangeiras que vão se internalizando no nosso cotidiano.

A influência de outro idioma poderá afetar o uso da língua local se os falantes assim o desejarem. Cada cidadão estabelecerá sua própria condição para a utilização da língua. Ou seja, mediante as necessidades o homem estará se dispondo de ferramentas linguísticas que irão manifestar a sua aquisição por aquela língua estrangeira específica.

Rajagopalan (2010), afirma que hoje todo idioma é uma língua sem dono, sem tutelas e custódias de nenhuma nação em particular, pertencendo, na verdade, a quem dela faz uso. Estar consciente desse fato é dever da escola. Ensinar os seus aprendizes a usar a língua com propósitos voltados para o seu futuro é verdadeira missão a esta encarregada.

Desse modo, podemos considerar que aprender a LI poderá garantir ao educando a facilidade de seu ingresso no mercado de trabalho, visto a necessidade da mesma no mundo contemporâneo. Pois somente quando o educando participar ativamente das relações e dos fluxos transculturais que comprazem o mundo pós-moderno ele

estará preparado para trilhar o futuro com mais segurança. Dessa forma, apresentaremos a escola pesquisada com breve contextualização história do município de Montanha.

4 ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO MÉDIO DOM JOSÉ DALVIT EM MONTANHA – ES

Este capítulo descreve o município da pesquisa em foco, em seguida, descreverá a escola desde a sua fundação até os dias atuais, e depois apresenta os campos de atuação de ensino da escola e por seguinte descreverá a forma como a LI se encontra presente nesse estabelecimento de ensino.

4.1 O município de Montanha – ES

Esta pesquisa, desenvolvida no município de Montanha, localizado no extremo norte da região do estado do Espírito Santo, ocupa uma área de 1.103,7 quilômetros quadrados, apresentando altitude de 180 metros. População estimada em 17.857 mil habitantes, segundo IBGE Censo de 2010, distando 334 km da capital (Vitória).

Montanha tem sua origem por volta de 1949 quando madeireiros que vieram da Bahia ocuparam as matas nativas da região e assim foram se instalando próximos aos córregos da região. Surge então um povoado denominado Comercinho da Palha e logo depois Governador Jones dos Santos Neves.

É importante destacar a participação da igreja católica, representada pelos padres italianos de denominação comboniana que vieram para o Espírito Santo em 1952 e foram responsáveis por liderar os movimentos sociais para fundação e estruturação de escolas, igrejas e hospitais na região. O motivo da vinda desses religiosos para região era a de regularizar e normatizar os católicos pelos parâmetros romanos, na realização de batismo e casamentos, mas a falta de estrutura encontrada aqui, motivou a ampliar a participação desses padres na história do município.

No ano de 1953, este povoado é elevado à categoria de sede de distrito e assim recebe o nome de Montanha por causa do nome do córrego que nasce entre as montanhas de granito que rodeiam a cidade. A cidade é composta de uma parte baixa mais antiga e de uma mais nova no planalto, que é toda planejada e faz limite com os municípios de Mucurici, Pinheiros, Pedro Canário, Ponto Belo e Nanuque - MG.

A região também é conhecida como: Região Doce Terra Morena, leva o termo "Doce" por possuir dezenas de propriedades rurais de agricultura familiar que produzem frutas e legumes e seu povo ganha a vida com esta atividade.

Sua economia está ligada a duas linhas de produção: agricultura e pecuária. Quanto à agricultura, o município destaca-se na produção de café, mandioca, abobora mamão, milho, feijão, abacaxi, banana e coco. A produção abastece o mercado da cidade e ainda exporta boa parte do que é produzido. Já a pecuária, devido à existência de muitos córregos ao longo de todo o município a região é favorável a criação de gado, sendo aproximadamente 70% do rebanho criado destinado ao corte e 30% à produção de leite.

Estes setores movimentam quase toda a parte da economia local, o comércio ainda em crescimento conta-se com poucas indústrias que garantem a sustentabilidade local.

Segundo o Atlas do Desenvolvimento Humano (2013, p.2) o município onde foi realizado este estudo apresenta os seguintes índices:

O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) de Montanha é 0,667, em 2010. O município está situado na faixa de Desenvolvimento Humano Médio (IDHM entre 0,6 e 0,699). Entre 2000 e 2010, a dimensão que mais cresceu em termos absolutos foi Educação (com crescimento de 0,162), seguida por Longevidade e por Renda. Entre 1991 e 2000, a dimensão que mais cresceu em termos absolutos foi Educação (com crescimento de 0,163), seguida por Renda e por Longevidade.

Quanto à população do município é caracterizada por ser um povo simples, feliz e trabalhador. Montanha ainda possui igrejas, cachoeiras, praças e teatro uma típica cidade pacata do interior. Estudo indicador de desenvolvimento deste lugar traz ainda outros dados importantes acerca de sua história.

Entre 2000 e 2010 - O IDHM passou de 0,558 em 2000 para 0,667 em 2010 - uma taxa de crescimento de 19,53%. O hiato de desenvolvimento humano, ou seja, a distância entre o IDHM do município e o limite máximo do índice, que é 1, foi reduzido em 24,66% entre 2000 e 2010. Entre 1991 e 2000 - O IDHM passou de 0,423 em 1991 para 0,558 em 2000 - uma taxa de crescimento de 31,91%. O hiato de desenvolvimento humano, ou seja, a

distância entre o IDHM do município e o limite máximo do índice, que é 1, foi reduzido em 23,40% entre 1991 e 2000. Entre 1991 e 2010 - Montanha teve um incremento no seu IDHM de 57,68% nas últimas duas décadas, acima da média de crescimento nacional (47%) e acima da média de crescimento estadual (46%). O hiato de desenvolvimento humano, ou seja, a distância entre o IDHM do município e o limite máximo do índice, que é 1, foi reduzido em 42,29% entre 1991 e 2010 (ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO, 2013, P.14).

Outras informações indispensáveis à situação do município são enumeradas a seguir (Ibid., 2013, p.3):

Montanha ocupa a 2738ª posição, em 2010, em relação aos 5.565 municípios do Brasil, sendo que 2737 (49,18%) municípios estão em situação melhor e 2.828 (50,82%) municípios estão em situação igual ou pior. Em relação aos 78 outros municípios de Espírito Santo, Montanha ocupa a 56ª posição, sendo que 55 (70,51%) municípios estão em situação melhor e 23 (29,49%) municípios estão em situação pior ou igual.

Na cidade de Montanha somam-se nove escolas: uma escola particular de ensino fundamental, cinco municipais que ofertam o ensino fundamental, duas estaduais, sendo uma de ensino fundamental e EJA e a outra que oferta o ensino médio integral, integrado e o ensino médio normal. E ainda uma unidade federal do IFES que oferece cursos técnicos e ensino médio. A educação do município de Montanha se apresenta pela seguinte lógica (Ibid., 2013, p.5):

A proporção de crianças e jovens frequentando ou tendo completado determinados ciclos indica a situação da educação entre a população em idade escolar do município e compõe o IDHM Educação. No período de 2000 a 2010, a proporção de crianças de 5 a 6 anos na escola cresceu 54,91% e no de período 1991 e 2000, 51,17%. A proporção de crianças de 11 a 13 anos frequentando os anos finais do ensino fundamental cresceu 52,53% entre 2000 e 2010 e 52,67% entre 1991 e 2000. A proporção de jovens entre 15 e 17 anos com ensino fundamental completo cresceu 39,10% no período de 2000 a 2010 e 356,06% no período de 1991 a 2000. E a proporção de jovens entre 18 e 20 anos com ensino médio completo cresceu 16,96% entre 2000 e 2010 e 244,35% entre 1991 e 2000.

O município de Montanha apesar de pequeno e ainda pouco desenvolvido, a rede pública escolar conta com o apoio municipal, estadual e federal que se dispõem a

garantir o funcionamento do ensino público de forma a atender a toda população Montanhense.

4.2. Escola Dom José Dalvit

A Escola Estadual de Ensino Médio Dom José Dalvit está localizada no centro da cidade de Montanha, situada em um bairro de classe média alta, no entanto, atende uma clientela proveniente dos bairros periféricos e da zona rural.

A maioria dos alunos é de classe econômica baixa e a maioria dos alunos que frequenta o ensino médio noturno, trabalha no comércio local para auxiliar no sustento da família. No matutino e vespertino, boa parte da clientela estudantil não exerce nenhuma atividade com fins lucrativos. Os alunos que frequentam a escola estão na faixa etária entre 15 a 24 anos, O ano de 2014 registra 65 alunos que estão em situação de distorção idade/série.

A escola Dom José Dalvit construiu a sua história sendo formadora de opiniões, além de educar grande parte dos habitantes do município ao longo de cinco décadas. A história da EEEM “Dom José Dalvit” com sede no município de Montanha, na Rua Linhares, nº 14, teve início em 15 de novembro de 1959 quando a diretora da Sociedade Beneficente Cultural de Montanha reuniu-se com o seu presidente Pe. Santi Cordiollia fim de estudar e por em prática o Plano Educacional da sociedade.

Em 1961, sob a denominação de “Ginásio Dom José Dalvit”, a atual escola passou a funcionar com a primeira série ginasial autorizada pela Portaria nº– DOU de 02/02/1961.

Em 1967, o Pe. Ezio Sório, que nesta data ocupava o cargo de presidente da Sociedade Mantenedora e Diretor do Ginásio Dom José Dalvit e para atender as exigências dos alunos que terminaram o curso ginasial, não mediu esforços para fundar o Colégio Comercial Daniel Comboni, voltado para o curso de Técnico em Contabilidade. O mesmo começou a funcionar em 1968 no mesmo prédio do Ginásio Dom José Dalvit, com uma única primeira série, tendo como diretor o Pe.

Carlos Bussular. O Colégio Comercial Daniel Comboni foi autorizado pela Portaria nº 227 de 06/01/1969.

Em 1973, o então presidente da entidade, Pe. Angelo Carlo Zen apresentou o desejo de unificar os dois estabelecimentos de ensino, considerando que eram mantidos pela mesma sociedade o diretor. E assim a partir de 21/08/1973 ambas as instituições de ensino foram unificadas, passando a denominar-se Colégio Dom José Dalvit, trazendo como ato autorizativo a Portaria nº 227 de 15/03/1961. A portaria E – nº 1.086 de 24/01/1979 – DO de 26/01/1979, Encampa a Escola de 1º e 2º Graus “Dom José Dalvit”, pertencente à Sociedade Beneficente Cultural de Montanha é encampada para a Rede Estadual de Ensino.

No ano de 2002 as escolas da rede estadual passaram de escolas denominadas de 1º e 2º graus para escolas estaduais de ensino fundamental e médio pela portaria nº 055-R de 12 de junho de 2002. A resolução do CEE nº 1193 de 2005 encerra definitivamente os cursos profissionalizantes oferecidos por escolas públicas da rede estadual de ensino e que tiveram cessado seu funcionamento por força da Portaria nº 502 de 3 de dezembro de 1998.

A Portaria nº 123-R de 7 de Julho de 2007 cria o Curso Técnico de Agropecuária e no ano seguinte (2008) , a Portaria nº 061-R de 3 de junho de 2008 cria um curso de ensino médio retroativo ao ano letivo de 1999, o qual foi aprovado pela Resolução do Conselho Estadual de Educação nº 1847/2008 de dezembro de 2008.

A Portaria 112-R de 7 de outubro de 2009 cria o Curso Técnico em Meio Ambiente. A escola ofereceu o curso a partir de fevereiro de 2010 a julho de 2012. A Portaria 090-R de 5 de setembro de 2012 cria o Curso Técnico em Vendas – eixo tecnológico gestão e negócios e em fevereiro de 2013 é formada a primeira turma. Em julho de 2013 depois de uma avaliação e processo de seleção é constituída a segunda turma. A Portaria 101-R de 28 de setembro de 2012 cria o Curso de Educação Profissional Técnica integrada ao ensino médio com habilitação em administração. Em fevereiro de 2013 inicia-se a primeira turma e em 2014 a escola oferece novamente este curso que possui agora duas turmas sendo uma na 1ª série e outra na 2ª série do Ensino Médio.

Em 2014, a escola passa a ofertar o Ensino Médio em Tempo Integral. A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio “Dom José Dalvit” tem por preceito a educação como cultura e ideologia sendo que pode servir para aproximar e afastar pessoas e classes sociais. Para a escola, o fazer pedagógico é realizado na parceria e no diálogo entre comunidade escolar e educadores.

É a única escola de Ensino Médio Estadual existente nos arredores num raio de 15 km, fazendo com que a sua clientela seja bastante heterogênea. Parte dela é proveniente do próprio bairro ou do entorno: Lajedo, Fundão, Brasília, Decão, Maria Zélia, Amazonas, entre outros. Os adolescentes que residem na zona rural e dependem de transporte escolar para chegarem à escola, demoram até duas horas de viagem, elevando o cansaço físico e mental destes estudantes. Em geral, os adolescentes atendidos possuem um nível socioeconômico médio e baixo.

A instituição procura cumprir todas as recomendações advindas da Secretaria Estadual de Ensino para desta forma potencializar a qualidade de ensino no processo pedagógico. A escola se utiliza de ferramentas como o planejamento semanal por área de conhecimento, de cursos, seminários e reuniões oferecidos pela Secretaria. Boa parte dos professores da escola também frequentam por iniciativa própria cursos de especialização e capacitação oferecidos por outras instituições. Sendo todos portadores de habilitações específicas para respectivas funções.

A escola oferece o Ensino Médio Regular, o Médio Integrado à educação profissional sendo um voltado para a área de administração e outro para a área de vendas; o primeiro oferecido no turno diurno e o outro no noturno. A escola também se utiliza do Programa Ensino Médio Inovador, o ProEMI, que busca um desenvolvimento no aluno que permita seu desenvolvimento e assim o faça participante efetivo das diversas atividades interativas, integradas e integradoras. Este programa deseja diminuir o número de jovens que estão fora da escola possibilitando-os virem em contra turno.

O prédio de EEEM “Don José Dalvit” em sua ampla estrutura de 2.893,43m² é constituído de dois pavimentos, sendo um no térreo com salas de administração, professores, depósitos, arquivo, diretoria, sala de equipe pedagógica, sanitário, área

de refeição, cozinha, laboratório, cantina, biblioteca, almoxarifados e cinco salas de aula. O primeiro andar constitui-se de seis salas de aula e dois sanitários.

Sob a direção da pedagoga Paula Andréa Bussú Sampaio Fernandes desde 2010, a escola conta com o apoio pedagógico de Ivone Vieira de Souza, Maria Filomena Coimbra do Nascimento, Marli Pereira Barreto e 30 técnico-administrativos. O corpo docente é formado por 36 professores (dois professores da área de língua inglesa), e 462 alunos devidamente matriculados em 2014, sendo maioria entre 15 a 24 anos, apenas 65 estão em situação distorcida ano/série. A escola tem capacidade de atender até 1500 alunos.

A escola funciona em horário matutino de 7h às 12h, vespertino 13h às 18h e noturno 18h20min as 22h30min. O Ensino Médio integrado técnico em administração: uma turma de 1º ano com 21 alunos e Uma turma de 2º ano com 21 alunos. Ensino Médio Integral conta-se com três turmas, sendo um 1º com 39 alunos, um 2º com 17 alunos e um 3º com 29 alunos. Educação subsequente ao Ensino Médio – Técnico em Vendas: duas turmas divididas em dois módulos: módulo II com 12 alunos e modulo III com 8. Já o Ensino Médio regular são quatro 1º ano com 34, 33, 33 e 29 alunos-sala. Quatro 2º ano com 23, 28, 25 e 23 alunos-sala. Três 3º ano com 27, 27 e 33 alunos-sala.

Para amostra da presente pesquisa escolhemos as turmas de 3º ano do Ensino Médio Regular, visto que, estes estão finalizando o Ensino Médio já passaram por todo processo de aprendizagem oferecido pela escola e isso possibilita a estes fazer uma avaliação sobre o ensino dos anos antecedentes, sobretudo sobre o ensino da LI.

4.3. A presença da Língua Inglesa na Escola Dom José Dalvit

A filosofia da escola apoia-se na crença, na vida, na capacidade de homem criar novos e infinitos mundos diferentes meios de ver o mundo e compreender a realidade. Pensando nisso a escola busca desenvolver todas as habilidades em seus alunos, entre elas: criatividade, capacidade lógica, dedução, linguagem, trabalho em equipe e companheirismo.

Apoiados na filosofia Piagetiana, o aluno é um sujeito que procura conhecer e compreender o mundo que o rodeia e trata de resolver as interrogações que esse mundo provoca. Assim, esse sujeito passa ser agente da sua história estando sempre em busca da sua formação enquanto cidadão, tendo como ponte uma educação que funciona como mola propulsora do desenvolvimento social.

A escola ressalta o papel do professor como mediador, sendo de sua responsabilidade mobilizar o conhecimento e proporcionar a aprendizagem. Para que haja inovações nas práticas pedagógicas a escola aposta em atividades diversificadas, tais como: debates, seminários, projetos, palestras, jogos escolares municipais, jogos online, participação nas olimpíadas de Língua Portuguesa e na Olimpíada Brasileira de Matemática. Diversos recursos são utilizados para o desenvolvimento das aulas, desde os mais comuns como revistas, jornais, livros didáticos, tecnologias mais atualizadas das quais a escola dispõe como recurso audiovisual: data show, televisor, DVD, laboratório de informática com internet e quadro digital.

No currículo escolar, a LI no ensino médio regular é assim distribuída: no primeiro ano, os alunos contam com uma aula semanal, no segundo ano duas aulas e no terceiro uma aula. Também por não ter um professor concursado, sendo este efetivo na área de LI na escola, todo início de ano a escola está sujeita a mudança de professor com a contratação de DTs pelo estado. Em relatos os alunos afirmam que isso tem ocasionado um repetição de conteúdo e atrasando a continuidade do processo de ensino.

Por não terem uma base fundamentada devido à carência didática em outros anos, eles passam a sentir as dificuldades existentes nas séries finais do ensino médio. Apesar da cooperação da escola, é possível perceber que os alunos possuem dificuldades na aprendizagem da língua inglesa e precisam ser atendidos na esperança de sua melhoria. A LI aparece timidamente no contexto, por mais que seja reconhecida por grande maioria essencial para uma boa formação. Segundo relatos do professor quanto ao material didático, a escola trabalha com a coleção “Upgrade” de Richmond Educação (2010), editora responsável: Gisele Aga. Consta

de três volumes: um para cada ano do ensino médio. Esse material é fornecido gratuitamente para os alunos pela secretaria de educação do estado. Mas, o livro específico adotado não é trabalhado de forma integral, usam-se páginas aleatórias selecionadas observando o seu grau de dificuldade, pois seu conteúdo não condiz com o nível de conhecimento das turmas. Em complemento ao livro, são elaboradas pelo professor atividades extras.

Há também um descrédito por conta da indisciplina dos alunos, fato constante nas queixas dos professores, que procuram no aluno a sede do conhecimento e este está desmotivado ao aprendizado. Ao lidar com tal situação, este busca ter muita paciência e sabedoria e tenta mediar a situação, sendo necessária a imposição do respeito. A preocupação que alimenta esses métodos gira em torno da perda de controle total destes alunos e isso pode ter consequências reais de levar ao fracasso e desvio do foco desejado pela escola. É preciso manter a turma disciplinada, assegura o professor, para não perder o rumo da aula.

Ensinar a língua inglesa poderá deixar de ser um desafio se toda a equipe pedagógica escolar propuser alternativa e buscar conjuntamente mecanismos que de fato promovam a vontade dos discentes naquilo que a eles é apresentado. De fato, se as razões não forem convincentes, o aluno não se sentirá motivado o suficiente para conhecer uma língua diferente daquela que ele utiliza.

A escolha da escola foco da pesquisa dá-se ao fato de haver uma preocupação da pesquisadora com o modo como as aulas de LI são desenvolvidas no ensino regular na escola quando esta teve a oportunidade de trabalhar com as turmas de 3º ano no ano 2013 e no projeto pré-ENEM, constatando as dificuldades dos alunos em relação à disciplina. Essa experiência despertou a vontade de conhecer um pouco mais o processo de ensino-aprendizagem neste estabelecimento.

Após o contato com a diretora e exposição dos objetivos desta investigação, solicitação e permissão para realização do estudo, foi realizado um levantamento para identificar quais as turmas se enquadrariam no perfil para realização do mesmo.

Esta pesquisa foi realizada com três turmas de terceiro ano, sendo uma no vespertino o 3ºV1, e duas turmas do noturno o 3ºN1, 3ºN2 e séries. Dos alunos que se dispuseram a participar da pesquisa (41), 26 são do 3ºV1, 8 do 3ºN1 e 7 do 3ºN2, professora-pesquisadora e a professora-orientadora. Como mostra o gráfico abaixo:

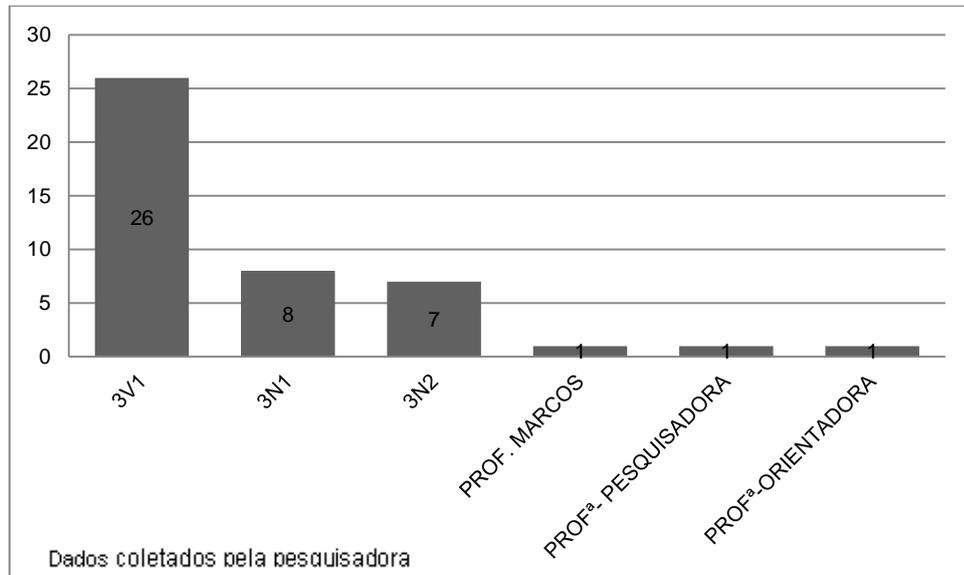


Gráfico 01 – Participantes da pesquisa

A escolha por essas turmas se justifica por serem turmas concludentes do Ensino Fundamental e médio no ano de 2014, sem nenhum conhecimento adicional fornecido ao seu currículo escolar, apenas o básico fornecido pelo estado para o ensino. Visto que a escola também oferece cursos técnicos integrados desde o ano de 2010 ao ensino médio e também inseriu em 2014 o ensino médio integral. E ainda pelo fato que tanto o curso técnico quanto o integral não terem muito tempo de atuação no estabelecimento, justifica-se a escolha pelo ensino regular.

A coleta de dados foi estabelecida no período de 04 de fevereiro a 15 de dezembro de 2014. Desde as primeiras visitas as aulas no início do ano letivo de 2014, na ocasião foi feita uma apresentação do projeto da pesquisa para alunos e professor e foi solicitada a participação destes. Ouve uma boa aceitação por parte dos alunos e professor. Sendo assim, possibilitou uma investigação de forma natural e espontânea das classes.

Em razão das considerações feitas sobre a importância do trabalho de pesquisa em sala de aula para uma maior compreensão do processo de ensino-aprendizagem da LI, por meio da instrução informal, a anuência do professor titular das turmas e dos alunos foi plena e houve muita receptividade à pesquisadora da parte deles.

4.4 Perfil dos alunos

Os alunos sujeitos da pesquisa fazem parte das turmas de 3º ano Ensino Regular encontram-se na faixa etária entre 16 a 26 anos, portanto a grande maioria está em plena fase de adolescência. Com nível econômico médio e baixo, alguns residentes da zona rural do município de Montanha, os demais residem na cidade.

De um grupo formado por 87 alunos matriculados oriundos das três turmas do ensino médio regular citado anteriormente, 41 (22 do sexo feminino e 19 do sexo masculino) se dispuseram a participar e responderam a questionário que será analisado no decorrer da pesquisa.



Gráfico 02 – Alunos participantes da pesquisa

Segundo os alunos, ao iniciar os seus estudos no ensino médio, não foi dada opção de escolher a língua estrangeira, sendo assim ao longo dos três anos as disciplinas

de LI vinham sendo aplicadas de acordo com as decisões da escola. Também não foram submetidos a nenhum teste de conhecimento anterior da referida disciplina.

Do total de alunos, (31alunos) gostariam de ter realizado um teste de seleção para agrupamento de ensino por nivelamento, justificando que assim ficaria mais fácil o prosseguimento dos conteúdos e um maior rendimento no aprendizado por estar em um grupo com as mesmas limitações. Dos demais, (9 alunos) expressaram não ver validade na formação de grupo, justificando ser constrangedor, injusto e desnecessário. Apenas (1 aluno) não opinou.

Questionados sobre a habilidade mais importante no ensino-aprendizagem do LI, os alunos apresentam: falar ((27 alunos); ouvir (5 alunos); ler (4 alunos); saber gramática (3 alunos); escrever (2 alunos). Neste contexto, ‘falar’ é elegido pela maioria como fundamental no processo de aprendizagem, mas salienta-se que alguns alunos sugeriram mais de uma habilidade.

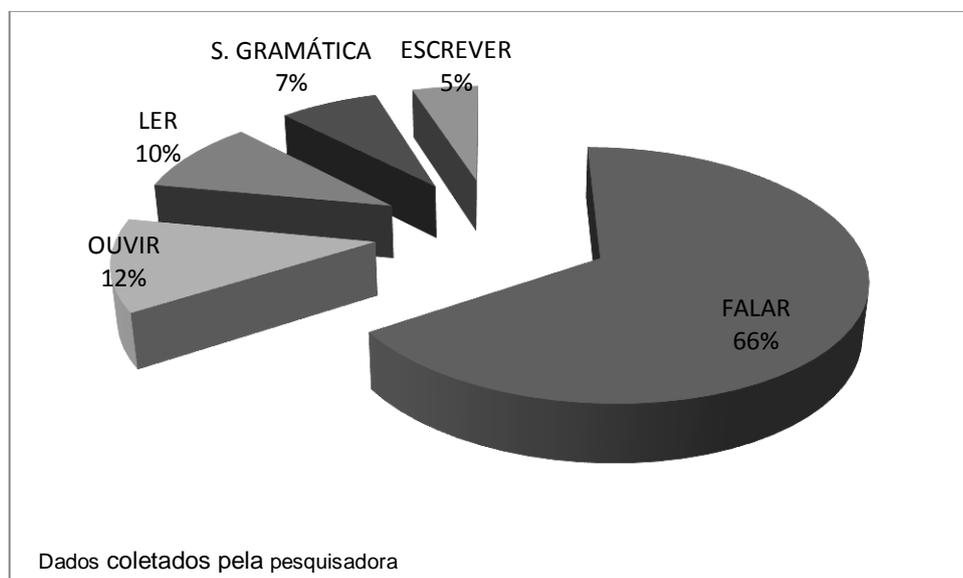


Gráfico 03 – Habilidades mais importantes na visão dos alunos

De quarenta e um alunos, vinte e nove, ou seja, a maioria considera-se “bons alunos” em LI. Doze alunos acham a disciplina muito difícil e relatam terem um bloqueio em relação ao seu aprendizado. É importante ressaltar que a maioria destes alunos (trinta e oito alunos) estudou a disciplina desde o ensino fundamental.

E apenas três deste grupo relatam ter feito cursinho particular de LI e os demais nunca tiveram nenhuma outra experiência com o referido idioma.

Apesar de a maioria afirmar ter facilidade em aprender, eles não são motivados: os conteúdos ensinados são repetidos, houve falta de proficiência dos professores com os quais tiveram contato, as aulas se resumiam em tradução de frases e na compreensão de gramática. Dessa forma, esses elementos fizeram com que eles não gostassem da disciplina.

Souza (2009, p.113) afirma que: “[...] os alunos estão interessados, porém, ao não aprenderem, o interesse diminui, levando à indisciplina”. O aluno A afirma: “Estudei a minha vida toda o verbo *to be* e o engraçado é que continuo sem sabê-lo, e se eu quiser aprendê-lo agora terei que ir fazer um cursinho”. Um colega complementa: “Impossível aprender com uma aula por semana”. Nestas palavras é possível perceber que existe uma frustração por parte deles, que ao ingressar na escola desde o ensino fundamental, esperavam aprender o conteúdo de inglês, como se é aprendido o conteúdo de matemática por exemplo. Isso pode ser um motivo pelo qual exista uma desmotivação ao chegar ao último ano do ensino médio, sem dar conta de se quer fazer a compreensão de um enunciado presente no livro indicado pelo MEC para o ensino no 3º ano.

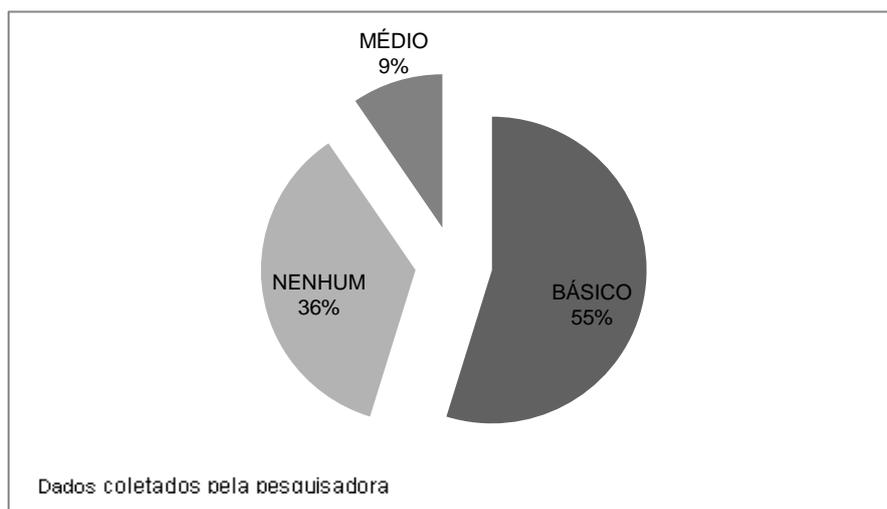


Gráfico 04 – Nível de conhecimento segundo os alunos

Ao questionar o nível de conhecimento dos alunos, a resposta foi a seguinte: consideram ter um conhecimento básico (23 alunos), alegam ter nenhum conhecimento (15 alunos) e (4 alunos) dizem ter um conhecimento médio de entendimento.

Com relação de como gostariam que fossem as aulas de LI, os comentários e sugestões foram: a) mais dinâmica, participativa, interessante, voltada para a prática da oralidade (17 alunos); b) menos monótona e mais atrativa (14 alunos); c) mais criativas (6 alunos); d) não souberam ou não opinaram (4 alunos).



Gráfico 05 – Sugestões dos alunos com referência às aulas

É sabido que a língua inglesa faz parte do cotidiano da maioria dos jovens de hoje, nas músicas que escutam, nos filmes, nas frases estampadas nas roupas. E não é diferente com os alunos presentes na escola. Sendo ela tão presente, não deveria haver nenhuma barreira existente presente na sua aplicação.

4.5 Perspectivas dos alunos face ao ensino de inglês

Ao observar as perspectivas reveladas pelos alunos pode-se notar que, em sua maioria, são negativas, com poucas expectativas. As experiências de aprendizagem que tiveram parecem não ter oferecido oportunidades para que sentidos diferentes

fossem construídos. O aluno constrói sentidos negativos sobre ser um aluno da escola pública, que, por sua vez, colabora com a construção de uma identidade também negativa de si mesmo como aprendiz, ou seja, o aluno da escola pública não aprende inglês.

Apesar disso, também existe nestes alunos a vontade de estarem preparados para o futuro, mesmo que ainda incerto. Os depoimentos transcritos a seguir, refletem a percepção do significado da aprendizagem de línguas estrangeiras, significado apreendido, até o momento. Ao ser lançada a indagação: Qual a importância do inglês no mundo de hoje? Os alunos, em sua maioria, responderam: “É uma língua internacional”; “Condiciona uma melhor chance no mercado de trabalho”; “É usada como língua franca, a língua da globalização, está em toda parte”.

Sendo assim, é possível considerar que os alunos consideram o inglês uma ferramenta para a empregabilidade no seu futuro. É possível inferir que eles estão reproduzindo uma representação com base em uma ideologia existente na sociedade de que a LI pode ser fator positivo para o sucesso profissional. Outra consideração observada é a da importância da língua para o mercado de trabalho, não se referem a uma profissão apenas, falam no geral, ou seja, para eles qualquer profissão para garantir sucesso no futuro vai exigir conhecimento da LI.

Em entrevista, os alunos responderam da seguinte forma o questionamento: Vocês consideram ter alcançado as expectativas quanto ao ensino-aprendizagem de inglês ao longo do ensino médio?

Trinta e sete alunos responderam que não. Entre os relatos foi dito: “Não, o programa de ensino deixa muito a desejar”; “Não aprendi tudo que deveria”; “Não aprendi nem o básico”; “Não sei praticamente nada”; “Não, pois o meu interesse em inglês não é grande, não me esforcei o bastante”. De outro lado quatro alunos responderam que sim estão satisfeitos, pois o ensino correspondeu a sua expectativa, deu para aprender o básico.

Para tentar entender o que está acontecendo, foi feita a seguinte pergunta: Em sua opinião o que dificulta o aprendizado de inglês na escola Dom José? “O

desnívelamento das turmas”; “O número insuficiente de aulas”; “O barulho constante na sala”; “A repetição de conteúdo”; “O jeito que é passado para nós”.

É possível perceber que para os alunos, alguns fatores ocasionaram o esgotamento da esperança da aprendizagem da LI na escola. Para mudar essa realidade é preciso que a escola busque se adequar para melhor servir a comunidade, mesmo diante de tantas dificuldades que circundam esse espaço educacional.

4.6 Perfil do professor

O professor do grupo, designado neste trabalho pelo pseudônimo de Marcos, graduou-se em Letras Português/ Inglês pela Universidade Presidente Antônio Carlos – UNIPAC localizada em Barbacena – MG, e há 15 anos vem dedicando seu trabalho como professor de Português e Inglês. Sua experiência envolve tanto escolas estaduais, municipais e instituto federal. Atualmente trabalha como DT pelo estado e pelo IFES de Montanha - ES.

É possível observar que o professor reconhece a importância da LI e tem consciência do papel desta na sociedade, e vê como maior dificuldade tornar a LI um estudo imprescindível para os alunos, pois a maioria traz para sala de aula um histórico negativo da disciplina. E ainda sugere a necessidade de uma postura reflexiva por parte dos alunos, visto que para formar cidadãos é preciso primeiro tomar atitudes que contribuam para a transformação do ensino. Segundo o professor, eles não se interessam pela aprendizagem. Embora o ensino da LI esteja desacreditado pelos alunos, ele acredita que é sim possível desenvolvimento desta no ensino público, mas ressalta que a carga horária insuficiente tem prejudicado o seu trabalho na escola.

Outro fator relatado é que o nível dos alunos não condiz com o material adotado pela instituição, sendo difícil dar sequência no material de forma integral com apenas uma ou duas aulas semanais.

Quanto à formação continuada, o referido professor declara “é preciso que nos renovemos todos os dias”. Em sua carreira busca sempre estar atualizado para uma maior desenvoltura do seu trabalho. E ainda esclarece que está satisfeito com seu trabalho desenvolvido na escola. Embora não dispondo de tempo necessário, tem conseguido desenvolver alguns projetos que têm despertado a curiosidade dos alunos quanto à disciplina. Marcos destaca um projeto intitulado “Viajando na Cultura Inglesa” que possibilitou um despertar de aprendizagem quanto às diferenças e semelhanças da cultura americana e inglesa. Os alunos passaram a olhar o inglês com uma nova expectativa.

Quanto à importância do conhecimento do idioma para o futuro desses jovens, o professor aborda o assunto com certa preocupação, pois reconhece que o ensino oferecido pela escola carece de ajustes para prepará-los. Por mais que encontre barreiras para realização do seu trabalho, ele diz que ao escolher essa carreira tinha consciência das dificuldades no decorrer do processo, mas que isso não impede que ele exerça a sua profissão com amor.

5 PERCURSO METODOLÓGICO

Neste capítulo, primeiro fez-se a apresentação dos métodos e instrumentos que auxiliaram e nortearam a presente investigação, sendo este estudo um estudo de caso e uma pesquisa bibliográfica. Ambos os estudos fizeram parte do processo que ajudou no tratamento dos dados, para assim poder transmitir com segurança os resultados.

5.1 Natureza da pesquisa

A pesquisa em questão buscou entender a relação ensino – aprendizagem na EEEM Dom José Dalvit. Em um estudo exploratório primeiramente com um levantamento teórico e histórico sobre o ensino da LI a fim de entender a presente situação, para embasamentos recorreu-se a livros, teses, dissertações, e artigos que relatam o ensino da LI na escola pública brasileira, a fim de arrecadar dados para entender o atual contexto da escola. Nesse processo fez-se necessário recorrer à pesquisa bibliográfica que segundo Gil (2002, p.59) diz:

A pesquisa bibliográfica, como qualquer outra modalidade de pesquisa, desenvolve-se ao longo de uma série de etapas. Seu número, assim como seu encadeamento, depende de muitos fatores, tais como a natureza do problema, o nível de conhecimentos que o pesquisador dispõe sobre o assunto, o grau de precisão que se pretende conferir à pesquisa etc.

Ferrão (2003, p. 102) afirma assim:

[...] a pesquisa bibliográfica é baseada na consulta de todas as fontes secundárias relativas ao tema que foi escolhido para a realização do trabalho. Não deve ser apenas uma simples cópia do que já foi escrito sobre o tema por outros autores, mas, a análise, a interpretação, o confronto de informações dos autores, e a elaboração de novas conclusões.

De acordo com Gil (2002) os livros, os artigos científicos, teses e dissertações são fontes bibliográficas por excelência e pode ser classificados como de leitura corrente ou referencial e sua principal vantagem é permitir ao investigador ter acesso a dados que sem estes seriam impossível, se levarmos em conta a informações do passado. O autor também alerta para que se tenha cuidado ao quanto ao levantamento de informações, e buscar fontes seguras para evitar transmissão de dados errôneos.

Nesse contexto, fez-se buscas nas fontes encontradas para o levantamento bibliográfico preliminar sobre o ensino da LI no Brasil. Gil (2002) diz que: no processo de revisão de literatura é necessário quatro diferentes tipos de leituras: a primeira exploratória em busca de tudo que fala sobre o tema. A segunda seletiva, recolher o que mais se identifica com o problema da pesquisa. A terceira analítica, com base nos textos relacionados, retirar o material necessário para obter a resposta do problema em questão. E por último, uma leitura interpretativa, procurar obter significados mais amplos de uma leitura crítica.

Visto que, apenas a pesquisa bibliográfica não abrangeria todo o processo metodológico, foi também necessário o estudo de caso para dar conta da interpretação da realidade da escola. A pesquisa a ser apresentada ficou delimitada a partir do estudo do universo da 3º ano do ensino médio de ensino regular vespertino e noturno, sendo um total de três turmas em estudo com suas implicações e perspectivas educacionais diversas, para identificar a importância do processo ensino aprendizagem da LI e quais dificuldades encontradas por alunos e professores.

Nascimento (2002, p. 100) fala que o estudo de caso é utilizado para a formação dos saberes.

[...] permite o estudo detalhado e aprofundado de uma questão ou caso. Através dele é possível reunir dados executivos de um caso permitindo um mergulho profundo em um objetivo delimitado. Com ele penetra-se na realidade social, o que não é possível com quantificações e análises estáticas.

Gil (2002, p.54) assim define o estudo de caso:

O estudo de caso é uma modalidade de pesquisa amplamente utilizada nas ciências biomédicas e sociais. Consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento, tarefa praticamente impossível mediante outros delineamentos já considerados.

O autor ainda afirma que tem uma objeção, cabe a este a análise de apenas uma parte, sendo assim não podendo proporcionar um conhecimento preciso de toda

uma comunidade escolar. Mas uma visão global ou identificar possíveis fatores que os influenciam.

Gil evidencia dois tipos de estudos de caso: o intrínseco que o caso constitui o próprio objeto da pesquisa e o instrumental que é desenvolvido com propósito de auxiliar no conhecimento ou redefinição de um determinado problema. Sendo então o estudo de caso instrumental mais adequado à pesquisa em questão.

No estudo de caso em termo de coletas de dados o autor o define como um estudo complexo, pois os dados tanto podem ser de gente ou dados de papel. Para efeito de estudo de caso os dados podem ser obtidos por meio de: documentos, entrevistas, documentos pessoais, observação espontânea, observação participante e de artefatos físicos.

Na escola em questão, utilizaram-se os seguintes procedimentos: observação do meio, entrevistas, questionários e análise de documentos, que levantaram material para análise e interpretação de dados. No estudo de caso é enfatizado por Gil a preservação da unidade social. No entanto, há a importância das divisões por tipologias, estas são encontradas antes e depois das coletas de dados.

Por fim, a redação para a comparação e análises dos fatos nesse momento o autor diz que é de caráter mais flexível que os demais, pois, não requer tanta formalidade. Mas convém que seja natural admitir que a análise dos dados aconteça de natureza predominantemente qualitativa.

5.2 Contextualização da escola pesquisada

Conforme já explicitado, esta pesquisa desenvolveu-se na Escola Dom José Dalvit, inserida no ensino público capixaba e que ao longo de 50 anos vem fazendo história formando cidadãos no município de Montanha. A escola está localizada no centro da cidade com residências, comércios e agências bancárias no seu entorno. É a única escola de ensino médio regular existente num raio de 15 quilômetros, por isso, sua clientela é bastante heterogênea. No ano de 2014, a escola atendeu 462 alunos, mas tem capacidade estrutural para atender 1500. Têm no seu quadro funcional 66

profissionais entre eles: professores, pedagogos, merendeiras, porteiros, diretora, corpo técnico-administrativo, entre outros. E nesse contexto que se destaca a escola em que este trabalho foi realizado.

A sala de aula/padrão é mobiliada, em todo o estabelecimento com cadeiras e mesas separadas, quadro branco, mesa e cadeira para o professor. O ambiente é arejado com dois ventiladores de teto em cada sala.

A escola ainda tem a disposição como suporte às três salas: uma sala de vídeo com ar condicionado e 30 cadeiras fixas; uma biblioteca apesar de pouco material para pesquisa na área de LI no seu acervo e o laboratório de informática equipado com computadores individuais com internet para 20 alunos e quadro digital.

5.3 Os participantes da pesquisa

O estudo na Escola de Ensino Médio Dom José Dalvit, desenvolveu-se no ano letivo de 2014 com participação dos 41 alunos da turma do 3º ano do ensino regular, o professor de LI da turma, a professora-pesquisadora e a professora-orientadora do projeto.

No primeiro contato com este trabalho no início do ano letivo de 2014, foi feita a apresentação e o convite para as turmas e ao professor da disciplina para participação na pesquisa a fim de que alunos e professor pudessem estar cientes do objetivo do trabalho em questão. No início todos os 87 alunos se dispuseram a participar e receberam um questionário, desses, 41 responderam.

O professor Marcos se dispôs a responder a todos os questionamentos e dúvidas da pesquisadora e também forneceu o currículo seguido por ele para montar as suas aulas. Explicou que tem dificuldade em seguir a risca o mesmo, pois o nível de conhecimento dos alunos não condiz com a proposta do currículo sugerido pelo estado. Ele faz uma adaptação simplificada dos conteúdos, aplicando apenas o básico, pois, além do currículo, o livro adotado também é fora da realidade dos alunos. Ele ressalta algumas exceções, de alunos com bom conhecimento do idioma e que, para estes trabalhava um conteúdo um pouco mais avançado, para

mantê-los envolvidos nas aulas. E ainda ressalta que a carga horária semanal de uma aula no 3º ano o impedia de obter o retorno esperado pelos alunos quanto ao conteúdo apresentado.

Fato comprovado, pois nas observações, para o professor concluir o ensino de um conteúdo que duraria em média três aulas (apresentação e prática do conteúdo e correção de atividades), ele precisaria em média de três semanas, sem contar que a cada semana o professor precisa relembrar o que foi passado na última aula, gastando em média dez minutos. E ao término da tarefa notava que os alunos não aparentavam ter assimilado o conteúdo, via-se neles a preocupação em fazer a tarefa para não perder a nota durante a avaliação do professor.

A postura adotada pelo professor com relação à abordagem de ensino utilizada está mais voltada para a concepção tradicional. Há uma constante preocupação com a correção de erros e com a fixação das estruturas gramaticais por meio de exercícios estruturais escritos e há predominância de tarefas relacionadas à compreensão escrita. Salvo alguns seminários voltados para a oralidade da língua.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar a pesquisa, apresentamos as considerações finais acerca do desenvolvimento deste trabalho, os dados mais relevantes dos resultados das análises obtidas, além dos aspectos da pesquisa que avaliam serem positivos ou sujeitos a críticas, assim como os caminhos que ela abre, considerando os aportes tanto de ordem científica, teórico-metodológicas, quanto de ordem prática, em relação à atividade educacional.

As questões relevantes já explicitadas na Introdução que nortearam os processos da coleta de dados serão aqui retomadas para melhor compreensão do processo de análise:

- Como se desenvolve o processo de ensino-aprendizado da LI na Escola de Ensino Médio Dom José Dalvit?
- Quais as expectativas dos alunos quanto ao uso do conhecimento adquirido no que se refere à sua aplicabilidade no cotidiano?
- De modo geral, essa pesquisa se propõe a responder a seguinte pergunta: o que causa insuficiência no ensino-aprendizagem de LI no EEEM Dom José Dalvit?

Para responder a primeira pergunta nos valem da categoria de análise dos conteúdos temáticos de Bronckart (2003), que os define como um conjunto de informações que aparecem no texto por meio dos conteúdos temáticos que emergiram das representações dos participantes em seu cotidiano escolar. A partir dos sentidos e significados revelados pelos alunos e professor, o processo de ensino-aprendizagem a que foram submetidos nos parece não ter oferecido negociação de sentidos que favorecessem o seu desenvolvimento e a construção de sentidos e significados positivos em relação à aprendizagem da LI.

Observamos também que, como sujeitos da sua própria história, esses alunos foram acostumados a não tomar parte, receber de forma passiva o que lhes fora oferecido de conhecimento da LI pela escola, no decorrer dos ensinos fundamental e médio, o que fez com que o aprendizado de forma inconsciente, tornasse sem sentido

pessoal – em vez de direcioná-los, parecem, na verdade, contribuir para a manutenção da situação de exclusão na qual se encontram incluídos.

Com referência a: Quais as expectativas dos alunos quanto ao uso do conhecimento adquirido no que se refere à sua aplicabilidade no cotidiano? Ao longo desse trabalho foi necessário compreender um pouco da trajetória do ensino da LI do Brasil para constatar que o que acontece hoje na Escola Dom José Dalvit. Nada mais é do que a herança de um ensino que vem se arrastando por muito tempo na história da escola pública. Não se pode negar que houve boas intenções das políticas educacionais, implantações de métodos de ensino, leis que defendem o ensino do idioma, parâmetros criados para servir de referencial ao ensino da LI. Mas, o que se percebe é que na realidade escolar, a disciplina é mantida nas escolas com o objetivo de cumprir determinações, sem ênfase na aprendizagem.

Para os alunos, atores da pesquisa, a disciplina não veio influenciar, muito menos acrescentar conhecimentos necessários para garantia de um diferencial no mercado de trabalho. É possível concluir que as experiências vividas pelo estudo da LI na escola pesquisada o esperado para habilitar para a prova do ENEM, quiçá para disputar uma vaga no mercado de trabalho. A realidade é que para estes existem opções para aprender o idioma fora da escola, como, por exemplo: por meio de um intercâmbio ou fazendo um curso em uma escola de idiomas.

Quanto à terceira pergunta: De modo geral, essa pesquisa se propõe a responder a seguinte pergunta: o que causa insuficiência no ensino-aprendizagem de LI no EEEM Dom José Dalvit? Um fator tanto apresentado na fala dos alunos quanto na fala do professor é o número insuficiente de hora/aulas. Embora haja boa intenção do professor em oferecer um ensino de qualidade, ele se depara com a barreira de não haver tempo suficiente para trabalhar de forma adequada. Para os alunos, há dificuldade de assimilação do conteúdo com o longo intervalo entre uma e outra aula, visto que, para o professor concluir um plano de aula são necessárias no mínimo duas aulas. No entanto, para os alunos da escola representa duas semanas de aula. Outro fator existente é o nível desigual de conhecimento dos alunos, que dificulta a sequência dos conteúdos programados da disciplina.

Na tentativa de amenizar as dificuldades encontradas, sugerimos e apresentamos (Apêndice D) um projeto de intervenção que visa contribuir para o desenvolvimento do ensino, enquadrando os alunos em turmas de acordo com o seu conhecimento na disciplina de LI.

As leituras e reflexões apontadas nesse trabalho mostram a importância de uma segunda língua para a formação do indivíduo enquanto ser social. Este ser social deve conhecer também, por necessidade, outras culturas que, de certa forma, estão começando de forma positiva ou negativa, a fazer parte de sua vida e que possam demonstrar o quanto gostariam de aprender esse idioma, que é amplamente divulgado e pode contribuir para o desenvolvimento social e cultural do educando sem que ache que é apenas uma exigência do currículo, mas que encontre possibilidades de expandir o seu conhecimento na descoberta de outros horizontes. Ensinar inglês é construir um caminho comunicativo para que o aluno seja capaz de transmitir e assimilar o conhecimento com uma visão crítica, construindo o seu próprio conhecimento e integrar-se à sociedade como agente transformador e construtor de uma nova mentalidade.

No âmbito das Leis de Diretrizes e Base da Educação (LDB), as Línguas Estrangeiras Modernas recuperam, de alguma forma, a importância que durante muito tempo lhes foi negada. Considerada, muitas vezes, como pouco relevante, adquire agora a configuração de disciplina tão importante quanto qualquer outra do currículo. Diante das transformações e dos avanços significativos ocorridos na última década, inclusive na estrutura e funcionamento da educação, procuramos, por meio deste trabalho, apresentar a importância da LI no atual contexto social, econômico e cultural.

Também é importante investir em materiais didáticos, uma vez que as medidas sugeridas nos PCN exigem muitos outros recursos, além dos livros geralmente encontrados nas salas de aula, e um alto nível de conhecimento, proficiência na língua alvo, iniciativa e criatividade por parte do professor. Tornar o ensino da língua inglesa no Brasil mais eficaz exige que todos os interessados nessa perspectiva se unam e se empenhem na formação dos professores. Portanto, para amenizar o problema do desinteresse, os professores precisam procurar novas práticas e

métodos, ou seja, um processo mais dinâmico e de constantes renovações para inserir no ensino.

Assim, integrada à área de linguagens, códigos e suas tecnologias, a LI assume a condição de fonte indissolúvel do conjunto de conhecimento que permite à criança das séries iniciais aproximar-se de várias culturas, e propiciando a sua integração num mundo globalizado.

7 REFERÊNCIAS

ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO. **Perfil do município de Montanha, ES.** Pnud, Ipea e FJP, 2013.

ASUBEL, David P. **Aquisição e Retenção de Conhecimento: uma perspectiva cognitiva.** Lisboa: Plátano Edições Técnicas, 2004.

BRASIL. MEC. **Parâmetros Curriculares nacionais: língua estrangeira / ensino fundamental.** Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. MEC. **Parâmetros Curriculares nacionais: língua estrangeira / ensino fundamental.** Brasília: MEC/SEF, 2006

BRASIL, SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio.** Vol. 1. Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Brasília: MEC/SEB, 2006.

_____. **Lei Nº. 4.024, de 20 de dezembro de 1961.** Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial [da] República Federativa do BRASIL, Brasília, DF.

_____. **Lei Nº. 5.692, de 11 de agosto de 1971.** Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do BRASIL, Brasília.

_____. **Lei Nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial [da] República Federativa do BRASIL, Brasília, DF, 23 dez.1996.

CELANI, Maria Antonieta Alba. Ensino de línguas estrangeiras: ocupação ou profissão. In: LEFFA, Vilson J. (Org.). **O professor de línguas estrangeiras: construindo a profissão.** Pelotas: EDUCAT, 2001, p. 23-44.

CELANI, Maria Antonieta Alba. Ensino de línguas estrangeiras: ocupação ou profissão? In: LEFFA, V. J. (Org.) **O professor de línguas estrangeiras: construindo a profissão.** Pelotas: Educat, 2006.

CHAGAS, R.V.C. **Didática especial de línguas modernas.** São Paulo. Companhia Editora Nacional, 1957.

ESPÍRITO SANTO (Estado). Secretaria da Educação. Ensino Médio: área de Linguagens e Códigos –Vitória : SEDU, 2011.(Currículo Básico Escola Estadual; v. 01).

FARIAS, Isabel Maria Sabino de...[et all.]. **Didática e Docência – aprendendo a profissão**. 3 ed. Brasília: Liber Livro, 2011.

FERRÃO, Romário Gava. **Metodologia Científica: para iniciantes em pesquisa**. Linhares: Unilinhares/Incaper, 2003.

GIL, A.C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

LEFFA, Vilson J. **Metodologia do ensino de línguas**. In BOHN, H. I.; VANDRESEN, P. *Tópicos em linguística aplicada: O ensino de línguas estrangeiras*. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 1988. p. 211-236.

LEFFA, Vilson J. **O ensino de línguas estrangeiras no contexto nacional**. Contexturas, APLIESP, n. 4, p. 13-24, 1999.

LEFFA, Vilson J. (Org.). **O professor de línguas estrangeiras: construindo a profissão**. Pelotas: Educat, 2006.

LEFFA, Vilson J (2009). **Se mudo o mundo muda: Ensino de línguas sob a perspectiva do emergentismo**. Calidoscópico (UNISINOS), v. 7, p. 24-29. Jan./abril 2009.

LEFFA, Vilson J **Ensino de línguas: passado, presente e futuro**. Rev. Est. Ling., Belo Horizonte, v. 20, n. 2, p. 389-411, jul./dez. 2012.

LÜCK, Heloísa. **Perspectivas da Gestão Escolar e Implicações quanto à Formação de seus Gestores**. Em Aberto, Brasília, v. 17, n. 72, p. 11-33, fev./jun. 2000.

MAIA, Maria Licia De Souza. **Língua inglesa no ensino fundamental: a relação aprendizagem e fatores desmotivacionais**. Universidade do Estado da Bahia – Uneb Departamento de Educação - Campus XIV. Conceição do Coité, 2012.

NASCIMENTO, Dinalva Melo do. **Metodologia do trabalho científico: Teoria e Prática**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Forense, 2002.

PAIVA, V. L. M. O. **A Língua Inglesa no Brasil e no Mundo**. In: PAIVA, V. L. M. O. (Org.) *Ensino de língua inglesa: reflexões e experiências*. Campinas, SP: Pontes; Minas Gerais: Departamento de Letras Anglo Germânicas – UFMG, 1996b.

PERRENOUD, Philippe. **10 Novas Competências para ensinar**. Porto alegre, RS, Artmed: 2000.

RIZZINI, I; CASTRO M. R. & SARTOR, C.D. (1999) ***Pesquisando... guia de pesquisa para programas sociais***. Rio de Janeiro: Ed. Universidade Santa Úrsula.

SIQUEIRA, Kárpio Márcio de. **Tecnologias Educacionais e o Ensino da Língua Inglesa**: A proposta da Formação de professores. Revista Desempenho, v. 11, n. 2, Dezembro/2010.

SOUZA, Z. F. ***Representações de alunos sobre ensinar e aprender inglês e seu (des)interesse em estudar essa língua***. 132 f. Dissertação de Mestrado. Programa de Linguística Aplicada e Estudos de Linguagem. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2009.

SOUZA, Antonio Escandiel de. **A formação do professor de língua estrangeira**: breves reflexões. In: Em prosa e verso II. Santa Maria: Academia Santa-Mariense de Letras, 2010.

SOUZA, Antonio Escandiel de. **A Formação do professor de língua inglesa e o ensino de gramática**. Sergipe, 2011. Disponível em:<
<http://www.educonufs.com.br/vcoloquio/cdcoloquio/cdroom/eixo%204/PDF/>> Acesso em 29 Jun. 2013.

TAPIA, Jesús Alonso, FITA, Enrique Caturla. **A motivação em sala de aula – o que é, como se faz**. Tradução: Sandra Garcia. São Paulo, SP: Loyola, 1999.

TEODORO, António, VASCOCEOS, Maria Lucia (Orgs.). **Ensinar e Aprender no Ensino Superior**. São Paulo, SP: Cortez, 2003.

VILAÇA, Márcio Luiz Corrêa. **English for specific purposes**: Fundamentos do ensino de inglês para fins Específicos. Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades, 2010.

8 APÊNDICE A

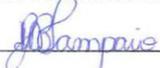
AUTORIZAÇÃO PARA A REALIZAÇÃO DE PESQUISA

Eu **PAULA ANDRÉA BUSSÚ SAMPAIO FERNANDES**, Diretora responsável pela EEEM DOM JOSÉ DALVIT, localizada na Rua: Linhares, 14 – Centro de Montanha –ES, autorizo a realização da Pesquisa intitulada: **A RELAÇÃO ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA NA ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO MÉDIO DOM JOSÉ DALVIT NO MUNICÍPIO DE MONTANHA - ES**, O objetivo do presente trabalho é a pesquisar como se desenvolve o processo ensino-aprendizagem de Língua Inglesa na Escola de Ensino Médio Dom José Dalvit no município de Montanha - ES, e conhecer quais as expectativas dos alunos quanto ao uso do conhecimento adquirido no que se refere à sua aplicabilidade no cotidiano.

Estou ciente de que a pesquisa será realizada sobre a responsabilidade de **LAIZE ALVES RODRIGUES** e autorizo a realização da pesquisa acima descrita nesta escola para a realização do trabalho acadêmico orientado pela Prof. Dra. SONIA MARIA BARRETO para fins de titulação de mestrado apresentado a FACULDADE VALE DO CRICARÉ localizada na cidade de São Mateus - ES Informo que esta cessão de dados ou autorização está condicionada à realização da pesquisa conforme princípios de ética e responsabilidade e a mesma seja realizada no período de...../...../.....a...../...../.....

Declaro ter lido e concordar com o parecer ético da instituição proponente, conhecer e cumprir as Resoluções Éticas Brasileiras, em especial a Resolução CNS 196/96. “Esta instituição está ciente de suas corresponsabilidades como instituição coparticipante do presente projeto de pesquisa, e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos sujeitos de pesquisa nela recrutados”.

Montanha 07 de fevereiro 2014.

Atenciosamente,

Paula Andréa Bussú Sampaio
 Diretora
 Portaria Nº 2038-S de 23/11/10
 Nº Funcional 304429/51

ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO MÉDIO DOM JOSÉ DALVIT
 Entidade Mantenedora: Governo do Estado do Espírito Santo
 Criação da Escola: Portaria E nº 1086 de 24/11/1979 Publicação:
 DOES de 26/11/1979 Aprovação Escola: Res. CEE nº 65/1980
 de 11/8/1980 Publicação: DOES de 26/8/1980 Criação/Ensino
 Médio: Portaria nº 61-R de 3/6/2008 Publicação: DOES de
 04/6/2008 c/c Retificação publicada no DOES dz 18/8/2008 fls. 25
 Aprovação/Ensino Médio: Resolução CEE nº 1847 de 8/12/2008
 Publicação: DOES 7/1/2009
 Rua Linhares,14 - Centro - Montanha-ES - CEP 29890-000
 Telefone: (51) 3333-1111 - E-mail: escola@escola.gov.br

Nome, assinatura e carimbo do Responsável pela Instituição.

9 APÊNDICE B

A presente pesquisa faz parte de um estudo da Faculdade Vale do Cricaré para o curso de Mestrado Profissional em Gestão Social, EDUCAÇÃO e Desenvolvimento Regional.

QUESTIONÁRIO AOS ALUNOS DO 3º ANO DE ENSINO MÉDIO REGULAR.

Responda ao questionário abaixo dando sua opinião. Não existe uma resposta correta, é apenas uma **pesquisa de opinião**.

Idade: entre 16 a 26. Sexo: F(22) M (19) série: 3ºV1, 3ºN1 e 3ºN2

1-Você estudou inglês no ensino fundamental? (38) Sim. (3) Não.

2-Como avalia o seu conhecimento em LÍNGUA INGLESA?

(15) Nenhum. (23) Básico. (4) Médio. (0) Avançado.

3-Você frequenta algum cursinho de inglês? (3) Sim. (38) Não.

4- Quantos professores de inglês deram aula para você durante o ensino médio?

(11) um. (26) dois. (4) três.

5- Ao iniciar o ensino médio você foi submetido a algum teste de nivelamento?

(0) Sim. (41) Não.

6- Gostaria que sua escola oferecesse o ensino nivelado de acordo com o seu conhecimento? (31) Sim. (10) Não. (1) não respondeu.

7- Em sua opinião o que mais importante com relação ao ensino do inglês?

(27) Falar. (2) Escrever. (4) Ler. (3) Saber gramática. (5) Ouvir.

Justifique. _____

8- Você se considera um bom aluno? (29) Sim. (12) Não.

9- O que mais gosta nas aulas de inglês?

10- Você é capaz de formular uma frase em inglês? (36) Sim. (5) Não.

Escreva uma frase: _____

11- Como gostaria que fossem suas aulas de inglês?

12- Qual a importância do inglês no mundo de hoje? _____

13- Que atividade de inglês mais gostou? _____

14- Que profissão pretende exercer no futuro?

15- Em sua opinião o que dificulta a aprendizagem do inglês na escola pública?

10 APÊNDICE C

QUESTIONÁRIO AO PROFESSOR DE LÍNGUA INGLESA

1) Fale um pouco sobre a sua formação e profissão.

2) Por que escolheu essa profissão?

gosto não tive outra opção necessidade financeira

3) – Há quantos anos exerce o magistério?

menos de 1 ano de 1 a 3 de 3 a 5 mais de 5 anos

4) – Quais os maiores desafios encontrados pelo professor de Inglês?

falta de interesse dos alunos falta de apoio da escola

falta de recursos didáticos carga horária insuficiente

5) O que acha da formação continuada?

importante desnecessária

6) Os alunos se interessam pelas aulas?

muito às vezes raramente nunca

7) A equipe pedagógica da escola promove alguma ação para a melhoria conjunta com o docente das aulas?

(x) sim () não

8) É possível aprender a língua inglesa na escola pública?

(x) sim () não

9) Por que?

10) O que sugere para melhorar o processo ensino-aprendizagem nas aulas de inglês?

11) O livro didático adotado pela escola condiz com a realidade dos alunos?

() sim (x) não

12) Qual a importância do inglês os seus alunos futuramente?

13)Qual é a sua maior dificuldade no ensino da língua inglesa?

14) Como vem trabalhando a disciplina na escola?

11 APÊNDICE D

PROJETO DE INTERVENÇÃO: ENSINO DA LÍNGUA INGLESA POR MEIO DE NIVELAMENTO

PUBLICO-ALVO: alunos do 1º ano do ensino médio da Escola Dom José Dalvit.

INTRODUÇÃO:

Na Educação entendemos como princípio básico a necessidade de oferecer condições adequadas para que o aluno construa seu conhecimento e acompanhe o processo de ensino ao longo do ensino médio desenvolvendo competências e habilidades necessárias à sua atuação no mercado de trabalho.

Percebemos que há lacunas quanto ao ensino de língua inglesa oferecido pelo estabelecimento de ensino público Dom José Dalvit em Montanha - ES, desde quantidades insuficientes de aula à falta de organização para o ensino diferenciado da disciplina. Outro fato é que os alunos chegam ao ensino médio com baixo nível de aprendizagem do idioma, e isso se prolonga durante o ensino médio.

Em contra partida, os Parâmetros Curriculares falam das vantagens do envolvimento do alunado com aprendizado de língua inglesa.

O distanciamento proporcionado pelo envolvimento do aluno no uso de uma língua diferente o ajuda a aumentar sua auto percepção como ser humano e cidadão. Ao entender o outro e sua alteridade, pela aprendizagem de uma língua estrangeira, ele aprende mais sobre si mesmo e sobre um mundo plural, marcado por valores culturais diferentes e maneiras diversas de organização política e social. (PCNs, BRASIL, 1998, p. 19).

É notório o volume de informações que circundam entre os jovens, sem que estas sejam transformadas em conhecimento ordenado, logicamente encadeado e construído. Ao longo do tempo os resultados do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) reforçam a necessidade de investir em instrumentos que possam ampliar habilidades e competências dos alunos ingressantes no ensino médio, proporcionando um melhor aproveitamento dos mesmos no transcorrer de sua vida estudantil.

O Currículo Básico Escola Estadual (2011, p.23-24) defende o uso dos projetos para o auxílio do ensino.

[...] gostaríamos de ressaltar aqui a importância de se ensinar a LE por meio de projetos de ensino que se vinculem aos eixos temáticos sugeridos por este currículo, bem como outros temas de interesse dos alunos e que sejam relevantes educacionalmente. O uso de projetos interdisciplinares de ensino propicia um processo de ensino-aprendizagem contextualizado e centrado num tema, e não em um item gramatical selecionado. Segundo Antunes (2003), projetos de ensino podem até substituir disciplinas convencionais por possuírem natureza interdisciplinar, ou seja, quando trabalhando com projetos, aprendizes e professores se engajam em questões relevantes ao cotidiano dentro e fora da escola, buscando conhecimento e respostas, ressignificando suas experiências com a língua e com o mundo a partir de suas descobertas’.

Dessa forma, há necessidade de intervenção pedagógica via Projeto de Nivelamento dessa disciplina, visando a propiciar ao aluno ingressante no ensino médio um conhecimento intermediário na disciplina.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) os grandes objetivos das escolas regulares são o desenvolvimento de estratégias e habilidades para lidar com a língua estrangeira, por meio da oralidade e da leitura, e o exercício do pensamento crítico - ou seja, o professor deve trazer para a aula temas a partir dos quais o aluno perceba outras culturas e formas de pensar que não são do próprio país.

Nesse sentido, o Projeto de Nivelamento constitui-se em um instrumento que busca melhoria qualitativa no domínio de conhecimentos, reunindo meios e formas de tratar carências de âmbito educacional/profissional identificadas no processo de formação do corpo docente. O Projeto visa uma aplicação de teste de nivelamento do ensino de língua inglesa para divisão de turma de acordo com o conhecimento dos alunos para o desenvolvimento de um trabalho diferenciado.

As atividades previstas têm como um dos objetivos desenvolver o domínio de conhecimentos específicos criteriosamente escolhidos, com carga horária extracurricular de duas horas semanais, seguindo orientação didático/pedagógica que considere o aluno sujeito de sua própria aprendizagem. Cabe ao professor o papel de mediador entre aprendiz e objeto da aprendizagem. Desse modo, tanto a

escolha de conteúdos quanto a metodologia de aplicação adotada consideram o aluno participante como o centro do processo ensino-aprendizagem.

Nessa mesma concepção, os instrumentos de avaliação previstos devem servir estrategicamente para a constante evolução e melhoria deste Projeto como um todo, fornecendo elementos que se caracterizem como orientadores para modificações e incorporações de conteúdos, atividades, metodologias de aplicação, dentre outras questões.

Contudo, entendemos que o Projeto de Nivelamento não irá solucionar todos os problemas; visto que, não se trata de um projeto de imersão na língua, mas sim uma tentativa de proporcionar instrumentos que permitam amenizar a falta de sequência de conteúdo, buscando trabalhar de forma integral o material didático a escolha da instituição desde que este ofereça ao 1º ano os módulos básico, médio e intermediário de ensino, que assegure os alunos uma maior aproximação com a língua em questão e evitando rejeição a mesma.

De acordo com Mattos & Valério (2010, p. 142), “é importante que o aluno conheça diversas culturas, para que, então, esteja apto a questionar seus próprios valores e, assim, possa valorizar a sua própria cultura”.

OBJETIVO GERAL:

Reduzir problemas como desmotivação e descrédito no ensino oferecido pela escola na disciplina de língua inglesa por meio de métodos pedagógicos que permitam a reorientação do processo ensino-aprendizagem e o resgate dos conteúdos não assimilados pelo aluno advindo do ensino fundamental.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- . Propiciar a recuperação e o aprimoramento de conhecimentos básicos e imprescindíveis ao prosseguimento dos estudos;
- . Favorecer o acompanhamento dos componentes curriculares e/ou conteúdos do curso, amenizando as dificuldades dos alunos;

- . Promover um ambiente de equalização dos saberes considerados pré-requisitos para o prosseguimento de nos estudos;
- . Promover a inclusão dos alunos com dificuldades em conteúdos básicos;

JUSTIFICATIVA:

A língua inglesa, reconhecida hoje como língua franca, constitui uma ferramenta essencial na valorização acadêmica, profissional, pessoal e social de cada indivíduo. Os professores recebem turmas com alunos heterogêneos, não só com relação à faixa etária, mas, sobretudo quanto ao conhecimento específico da disciplina, no que se refere ao desenvolvimento de competências e habilidades.

Esses fatores favorecem para a desmotivação do alunado, pois estando desacreditados demonstram pouco interesse em aprender. É necessário despertar a autoestima fazendo-os acreditar que é possível aprender inglês na escola. Por meio do nivelamento o aluno não se sentirá deslocado em sala de aula, fará parte do processo de aprendizagem aproveitando o seu conhecimento e a partir daí alcançar um conhecimento mais avançado.

METODOLOGIA:

Os alunos do primeiro ano deverão participar do nivelamento que definirá qual o seu grau de conhecimento na disciplina e em seguida a separação destes de acordo com o seu nível de conhecimento dividido em quatro etapas seguindo a programação escolar bimestral. As atividades deverão valorizar habilidades e competências necessárias para melhorar o desempenho dos estudantes durante toda etapa do ensino médio.

A partir do Projeto de Nivelamento serão abordados os conteúdos de acordo com critérios de relevância e de necessidades percebidas, sempre em sintonia com as diretrizes pedagógicas da escola.

O modelo de ensino por nivelamento levou em consideração os seguintes aspectos: a) a dificuldade de se aprender um idioma com poucas horas semanais; b) a

possibilidade de padronização do conteúdo e do desenvolvimento do conhecimento;
c) a necessidade do conhecimento de língua inglesa para o futuro do alunado tanto na área acadêmica quanto na área profissional.

AVALIAÇÃO

Propomos uma avaliação diagnóstica individual a cada bimestre com vinte questões sendo: dez objetivas e dez subjetivas, a composição de um texto relacionado ao tema estudo e um teste oral para testar o aprendizado na prática. Mediante essa avaliação, o professor terá elementos para corrigir possíveis contratempos. A avaliação ocorrerá contínua e permanentemente, considerando a efetiva participação dos alunos nas atividades propostas.

A participação dos alunos no presente Projeto poderá ser aproveitada como parte da nota que comporá as avaliações sistemáticas, ficando a cargo das Coordenações de Cursos, definir e apresentar os critérios. Após cada etapa o aluno receberá um atestado do conhecimento alcançado.

REFERÊNCIAS:

BRASIL. MEC. **Parâmetros Curriculares nacionais:** língua estrangeira / ensino fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

ESPÍRITO SANTO (Estado). Secretaria da Educação. Ensino Médio: área de Linguagens e Códigos –Vitória : SEDU, 2011.(Currículo Básico Escola Estadual ; v. 01).

MATTOS, A. M.A. & VALÉRIO, K.M. **Letramento crítico e ensino comunicativo: lacunas e interseções.** In: Revista Brasileira de Linguística Aplicada, v. 10, n. 1. Belo Horizonte. 2010.